

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA  
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO  
CULTURAL  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ANTROPOLOGIA**

**Maria Odete de Oliveira Ferraz**

**PATRIMÔNIO CULTURAL, EDUCAÇÃO E TURISMO:  
PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA PARA  
AS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NO SEGMENTO TURÍSTICO  
GOIANIENSE  
Projeto de Gestão**

**Orientadora Dra. Márcia Bezerra de Almeida**

**GOIÂNIA-GO  
2005**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA  
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO  
CULTURAL  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ANTROPOLOGIA**

**Maria Odete de Oliveira Ferraz**

**PATRIMÔNIO CULTURAL, EDUCAÇÃO E TURISMO:  
PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA PARA  
AS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NO SEGMENTO TURÍSTICO  
GOIANIENSE  
Projeto de Gestão**

**Orientadora Dra. Márcia Bezerra de Almeida**

**GOIÂNIA-GO  
2005**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA**

**Maria Odete de Oliveira Ferraz**

**PATRIMÔNIO CULTURAL, EDUCAÇÃO E TURISMO:  
PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA PARA  
AS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NO SEGMENTO TURÍSTICO  
GOIANIENSE  
Projeto de Gestão**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, área de concentração: Antropologia, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Bezerra de Almeida.

**GOIÂNIA-GO  
2005**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Maria Odete de Oliveira Ferraz**

**PATRIMÔNIO CULTURAL, EDUCAÇÃO E TURISMO:  
PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA PARA  
AS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NO SEGMENTO TURÍSTICO  
GOIANIENSE  
Projeto de Gestão**

### **AVALIADORES:**

---

**Profa. Dra. Márcia Bezerra de Almeida – UCG**

---

**Profa. Dra. Eliane Lopes Brenner – UCG**

---

**Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos – UCG**

**GOIÂNIA-GO**

**2005**

## **DEDICATÓRIA**

Ao amado Inaudy Ferraz, esposo, amigo e companheiro.

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação do Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural e seus professores, que muito colaboraram de forma a enriquecer todos os passos para a concretização de mais este desafio.

A Márcia Bezerra, orientadora, que com muita simpatia e dedicação excedeu todas as expectativas e facilitou-me o esclarecimento de todas as dúvidas, ajudando-me em todos os momentos.

Aos taxistas entrevistados, pela boa vontade e humildade em cooperar.  
A meus pais, Inácio e Alzelita, pelas palavras de apoio e carinho, estimulando-me a prosseguir, mesmo nos momentos mais difíceis.

A Deus, que tem abençoado minha existência, dando-me saúde, confiança, disciplina e amparo.  
Obrigada!

## **RESUMO**

Este projeto de Educação Patrimonial propõe a criação de um sistema de capacitação continuada para as categorias envolvidas no segmento turístico goianiense, enfocando o setor de transportes como primeira categoria, em específico os condutores de táxis. O trabalho foi fundamentado a partir da idéia de que o patrimônio cultural deve ser gerido de forma a possibilitar uma múltipla visão e interpretação de seus significados, nomeando como principal diferencial um curso que proporcione o conhecimento e a justaposição, e também a uma sucessiva interligação do patrimônio cultural ao segmento turístico, focando a participação dos setores público e privado e da sociedade.

Palavras-chave: patrimônio, educação, turismo.

## **ABSTRACT**

This Heritage Education project aims the creation of a continued training system to the categories that are engaged in the goianiense touristic segment, focusing the transportation sector as the first category, specifically the taxis drivers. The research was grounded following the idea that the cultural heritage should be managed in a way of making possible a multiple interpretation and vision of its meanings, nominating as a main differential of a course that promotes the knowledge and a successive interconnection of cultural heritage to the touristic segment, focusing the participation of the public and private sectors and the society.

Key-words: heritage, education, tourism.



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 OBJETIVOS</b>	<b>14</b>
1.1 Objetivo geral do projeto de gestão	14
1.2 Objetivos específicos do projeto de gestão	14
1.3 Objetivo geral do sistema de capacitação continuada	16
1.4 Objetivos específicos do sistema de capacitação continuada	16
1.5 Objetivo do curso de educação patrimonial	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
2.1 Patrimônio	18
2.1.1 <i>O patrimônio em Goiânia-GO</i>	20
2.2 Educação	23
2.3 Educação patrimonial	26
2.4 Turismo	30
2.4.1 <i>Turismo cultural</i>	31
2.4.2 <i>Turismo de negócios</i>	37
2.4.3 <i>O turismo em Goiânia-GO</i>	40
<b>3 JUSTIFICATIVA</b>	<b>43</b>
3.1 O desconhecimento do patrimônio	44
3.2 Educação em turismo	58
3.2.1 <i>Treinamento em turismo</i>	59
3.2.2 <i>Vantagens da educação e do treinamento em turismo</i>	61
3.3 O turismo e o transporte (justificativa do curso voltado à primeira categoria - transporte - condutores de táxis)	61
3.4 O turismo e os condutores de táxis pesquisados	63
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>65</b>
4.1 Metodologia do projeto de gestão (pesquisa)	65
4.2 Metodologia de implantação do sistema de capacitação continuada	65

4.3 Metodologia do curso de educação patrimonial	65
4.3.1 <i>Abordagens</i>	67
4.3.2 <i>Foco</i>	68
4.4 Educação patrimonial - curso de capacitação continuada para profissionais do turismo - os condutores de táxis	68
4.4.1 <i>Resultados pretendidos</i>	68
4.4.2 <i>Plano instrucional</i>	68
<b>5 PROGRAMAÇÃO</b>	<b>82</b>
5.1 Programação do projeto de gestão	82
5.2 Programação do sistema de capacitação continuada	82
5.3 Programação do curso de educação patrimonial	82
5.4 Calendário das atividades	84
<b>6 ORÇAMENTO - RECURSOS E CUSTOS</b>	<b>85</b>
6.1 Recursos - curso de educação patrimonial	85
6.2 Material de divulgação	85
6.2.1 <i>Divulgação do sistema de capacitação continuada e do curso de educação patrimonial (material didático)</i>	85
6.2.2 <i>Divulgação do patrimônio</i>	85
6.3 Custos - curso de educação patrimonial	85
<b>7 AVALIAÇÃO E CONTROLE</b>	<b>88</b>
7.1 Avaliação e controle do projeto de gestão	88
7.2 Avaliação e controle do sistema de capacitação continuada	88
7.3 Avaliação e controle do curso de educação patrimonial	88
7.4 Instituições envolvidas no projeto de gestão	88
7.5 Empresas privadas envolvidas no projeto de gestão	89
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>90</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>93</b>
ANEXO A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	93
ANEXO B – DADOS DOS ENTREVISTADOS	94

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da ação educativa	29
Quadro 2 - Perfil dos turistas norte-americanos que visitam a Europa	34
Quadro 3 - A realidade dos atrativos turísticos de Goiânia-GO e suas repercussões na comunidade local	35
Quadro 4 - Museus mais citados pelos entrevistados	48
Quadro 5 - Museus mais visitados pelos entrevistados	48
Quadro 6 - Teatros mais citados pelos entrevistados	51
Quadro 7 - Teatros mais visitados pelos entrevistados	51
Quadro 8 - Centros Culturais mais citados pelos entrevistados	51
Quadro 9 - Centros Culturais mais visitados pelos entrevistados	51
Quadro 10 - Indagações mediante monumentos	77
Quadro 11 - Sugestões de aspectos que podem ser observados no centro histórico	79
Quadro 12 - Indagações mediante centro histórico	80
Quadro 13 - Calendário das atividades	84
Quadro 14 - Tabela de custos do curso de educação patrimonial	86

## INTRODUÇÃO

O projeto de educação patrimonial aqui apresentado teve como proposta a criação de um sistema de capacitação continuada para as categorias envolvidas no segmento turístico goianiense, enfocado no setor de transportes como primeira categoria, especificamente os condutores de táxis. O sistema teve por objetivo unir os temas *patrimônio, educação e turismo*.

Este trabalho permitiu-nos conciliar a prática profissional com os estudos sobre o *patrimônio*, pois já exercia a atividade de treinamento e aperfeiçoamento profissional em turismo, na instituição SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, em Goiânia-GO. Esta instituição é a responsável por oferecer cursos de capacitação e atualização a profissionais do transporte que buscam uma “permissão” para atuarem. É através dessa permissão que as autoridades organizam o transporte, pois, caso contrário, qualquer um poderia sair pelas ruas trabalhando como condutor de táxi, de mototáxi e outros. É uma imposição do governo que, logicamente, todos devem acatar, pois há rígida fiscalização.

O aluno arca com as despesas do curso, e é exigido dele frequência e aprovação em uma prova única, que acontece no final do curso. O curso tem carga horária de quarenta horas, dividida em vários módulos, sendo nossa responsabilidade o módulo de Turismo, com carga horária total de oito horas.

Logo quando ingressei nesta instituição, percebi que o programa, a ementa e o material existente nas apostilas dos alunos abordavam apenas as diversas formas de turismo, provocando em mim a recusa em trabalhar com esta proposta. Argumentei: “Se o condutor de táxi é obrigado a fazer o curso de capacitação para obter a *permissão*, por que não interligá-lo ao conhecimento acerca do patrimônio cultural?” Solicitei logo de início para mudarem o teor e a estrutura do módulo, passando a abordar a história local e os atrativos da cidade. Esta proposta até foi estudada, mas a carga horária (já insuficiente para os vários módulos), a falta de informações e de materiais didáticos tornavam minha proposta completamente inexecutável.

Não somente o material precário, também percebi nessa experiência prática um notável desconhecimento do *patrimônio* por parte dos profissionais envolvidos nos cursos. Não apenas a falta de conhecimento e de informações necessárias para que estes profissionais pudessem desempenhar bem seus papéis como atuantes diretos do setor de turismo, mas *principalmente* para que pudessem vir a ter sentimento e gosto pelo *teor patrimonial* e, com isso, aprenderem a admirar, valorizar e preservar o *patrimônio cultural*. Uma vez diagnosticada como *problema*, a distância do público em relação ao patrimônio, propomos como importância substancial a diminuição dessa distância a ser feita através da Educação Patrimonial, colaborando para o fortalecimento da cidadania cultural e, ao mesmo tempo, contribuindo para a melhoria dos serviços ao turista em Goiânia-GO.

É claro que devemos atentar para a realidade, pois nas salas de aula deparamos com alunos semi-analfabetos em sua maioria, em menor proporção com alfabetizados e em mínima proporção com graduados. Pelas fichas de inscrição, é possível constatar que a grande maioria não concluiu o ensino médio, mas, o que mais chamava a atenção, é o fato de estes profissionais desconhecerem a história da cidade, seus bens, monumentos, museus, centros culturais, teatros e outros, afirmando ao mesmo tempo que, em Goiânia-GO, o grande destaque é o passeio noturno, com bares e mulheres bonitas. Eles não percebem que nossos bens culturais são elementos de conscientização social, alargando também como atrações turísticas.

Para efetivar meu propósito, pesquisei parte do público goianiense (constituído como em toda sociedade por várias classes e categorias distintas), enfocando nos profissionais do transporte por ter contato e acesso direto a esta categoria.

O transporte envolve vários profissionais, cada um na sua área específica. Nos componentes deste setor, estão os condutores de motocicletas (chamados mototaxistas), os condutores de táxis (chamados taxistas), os condutores de transporte alternativo, os condutores de transporte coletivo, os condutores de transporte escolar, os condutores de produtos perigosos e outros. Optei por pesquisar os taxistas por percebê-los mais próximos da realidade do turismo, uma vez que estes profissionais compõem o cenário logístico que compreende desde o aeroporto e a estação

rodoviária até os locais de eventos como congressos, feiras, fóruns, simpósios e outros ligados ao *turismo de negócios* que acontece na cidade.

Como metodologia do projeto, a investigação se fez através de *pesquisa oral*<sup>1</sup>, utilizando as técnicas de entrevista, buscando resgatar a história oral dos entrevistados, com o intuito de obter a compreensão da realidade abordada entre o ambiente e as percepções de cada entrevistado.

A opção pela pesquisa oral nos coloca na condição de ouvintes, devendo haver disponibilidade para escutar e capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião destes profissionais. Aqui, eles foram convidados a falar.

Thompson (2002, p. 257) ressalta que, “para a entrevista, tornam-se necessárias algumas peculiaridades como respeito e interesse pelos outros e flexibilidade nas reações em relação aos outros, devendo dar ao informante todo o tempo que quiser para ir em qualquer direção, deixando que a entrevista flua (...) e nunca procurar controlá-la, podendo apenas, orientá-la”. A opção pela entrevista oral em oposição aos questionários de perguntas fechadas justifica-se concordando com o mesmo autor, pois, “os questionários podem provocar uma provável inibição do respondente que fica reduzido a respostas monossilábicas ou muito curtas”.

Neste caso, em que lidei unicamente com os taxistas de Goiânia, a linguagem foi simples e comum para não inibir as respostas, consideradas preciosas e verdadeiras ferramentas para a obtenção do propósito deste trabalho. Tudo isso esclarecido a eles, pois explicava-lhes o objetivo da entrevista e como era importante seu auxílio para o trabalho em questão. Afinal, a investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar.

E, por que tratar de *patrimônio, educação e turismo*? Em vários países pensa-se que o patrimônio está incluso no turismo; enquanto em outros, raízes históricas diferenciais fazem turismo e patrimônio significarem coisas separadas, com abordagens distintas<sup>2</sup>. Neste projeto, esperamos propor um meio esclarecedor para este assunto. Particularmente, tentamos conectar uma prática educadora através do patrimônio - Educação Patrimonial - e também as questões mais genéricas

que dizem respeito aos assuntos de gerenciamento e administração, como o papel e o valor da capacitação de pessoal no setor de turismo.

Acreditamos, assim, que a *Educação Patrimonial* seja uma importante ferramenta que possibilite a interligação entre *patrimônio, educação e turismo*, pois a partir dela a população local, sobretudo aquela envolvida no desenvolvimento e na transmissão do segmento turístico de Goiânia-GO, passará a conhecer, valorizar e preservar o patrimônio cultural, sempre lembrando de que pertence a uma mesma história, a uma mesma cidade. Isso ajudará a assegurar a aceitação do assunto pelos envolvidos nos setores público e privado, e, principalmente, pela sociedade em geral.

Este projeto, portanto, foi concebido com o intuito de fornecer uma diretriz na qual informações e perspectivas existentes possam ser integradas, assistindo o trabalho de educação e treinamento a partir do patrimônio, auxiliando não somente a categoria pesquisada (os condutores de táxis), como todas as categorias envolvidas no segmento turístico, pois cada categoria deverá receber proposta com metodologia específica para sua área. Portanto, o projeto aqui apresentado vem também como subsídio à criação e ao estabelecimento de novas formas e abordagens ligadas à educação, confiando nesta nova proposta como inovação não somente à proposta da instituição SENAT, como também às instituições ligadas ao patrimônio, à educação e ao turismo.

Para tanto, o projeto resumiu os principais estágios de desenvolvimento de uma estrutura de Educação Patrimonial, os passos e decisões a serem tomados ao preparar um roteiro educativo e, finalmente, uma série de questões são identificadas: as que devem ser consideradas por qualquer instituição ou agência, embarcando na iniciativa de educação a partir do patrimônio e que são focalizadas na natureza distinta de cada um, bem como suas necessidades específicas. É relevante ressaltar também que acreditamos construir neste projeto determinados valores como uma primeira tentativa de unir todas as fontes desconectadas entre as áreas do patrimônio, da educação e do turismo, para conectá-las a uma realidade educativa que se faz necessária.

## **1 OBJETIVOS**

### **1.1 Objetivo geral do projeto de gestão**

Implementar a Educação Patrimonial, alvitrando a instituição de um sistema de capacitação continuada competente em capacitar e qualificar os profissionais do turismo goianiense, a fim de obter conhecimentos sobre as conexões estabelecidas em torno da história da cidade, revelando os elos e encadeamentos a que estão submetidos os personagens, os bens, os monumentos, a própria história, entre outros, para a configuração dos significados atribuídos a esse cenário chamado Goiânia, *tendo como principal finalidade proporcionar conhecimentos e aspirações pelo teor patrimonial.*

### **1.2 Objetivos específicos do projeto de gestão**

- Apresentar um roteiro educativo a ser aplicado junto à categoria dos profissionais do transporte, em específico os condutores de táxis, como afirmação da necessidade e do grande valor da criação de um sistema de capacitação continuada.
- Possibilitar aos indivíduos, através da Educação Patrimonial, uma leitura do mundo que os rodeia, permitindo compreender o universo sociocultural, facilitando o sentimento de localização e de pertença.
- Permitir o aprendizado de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos alunos, através do reconhecimento dos recursos educacionais importantes, como acesso a objetos, monumentos e centro histórico.
- Conscientizar sobre a etnicidade, ou seja, a identidade sociocultural, fazendo com que o público envolvido possa se orgulhar de sua linguagem e de suas raízes, recuperando o sentido da história, da vida, das lutas e dos conflitos dos seus antepassados, preservando o que restou da cultura imaterial (as danças, as músicas, os pratos típicos, os vestuários, as literaturas populares, os trabalhos caseiros e outros), permitindo adquirir consciência do papel que a cidade representa em determinado cenário e em determinada época, fortalecendo a cultura local.
- Incentivar os participantes a levantarem discussões acerca do patrimônio cultural, a partir de definições, implicância e abrangência, bem como desenvolver e manter novos padrões



de opções de recreação, lazer e entretenimento para os alunos, disseminando a toda a sociedade.

- Possibilitar uma convivência harmoniosa entre turismo e legado cultural e orientar os planejadores para que a cidade, os prédios históricos, os bens, os monumentos, assim como as manifestações culturais tradicionais sejam trabalhados de forma responsável como produto cultural e turístico e, por sua vez, ser um estímulo à manutenção da identidade da população receptora.
- Promover perspectivas de integração sob temas inter-relacionados em educação ambiental (cerrado goiano), cidadania (individual, comunidade, incluindo aspectos legais e políticos), questões econômicas (história e atualidade), sociais, de desenvolvimento (histórico e atual), de tecnologia e do setor industrial.
- Colaborar para as reflexões acerca da relação entre o turismo de negócios e os fatores ligados ao planejamento e aos fatores sociais e ambientais.
- Incitar, promover, divulgar e aprimorar permanentemente o aperfeiçoamento profissional das categorias envolvidas, alargando seus horizontes profissionais, proporcionando uma participação efetiva das categorias no processo de crescimento do turismo municipal e estadual.
- Contribuir para as discussões acerca da relação entre Educação Patrimonial e Turismo, sob a perspectiva de outras áreas do conhecimento, imbuídas às pesquisas dos modos de vida, das relações de produção e das representações do passado e do presente, utilizando das disciplinas como antropologia, história, arquitetura, arqueologia, geografia e várias outras.

### **1.3 Objetivo geral do sistema de capacitação continuada**

- Arraigar princípios de formação e apoio ao público, desenvolvendo um conjunto de elementos interdependentes e interagentes, constituindo um todo organizado, impetrando os agentes, os executores, os articuladores, os promotores de ações educativas, os financiadores e/ou gerenciadores, dentro do segmento turístico goianiense.

### **1.4 Objetivos específicos do sistema de capacitação continuada**

- Abarcar todos os profissionais do segmento turístico goianiense, alcançando suas várias categorias: rede hoteleira, agências de viagem e turismo, aeroporto, estação rodoviária, guias turísticos, rede restauranteira, bares e similares, transportes, comércio, indústria, museus, centros culturais, teatros, feirantes, organizadores de eventos, *promoters*<sup>3</sup>, locadoras de automóveis, oferecedores de cursos de turismo; em conjunto com profissionais do patrimônio: antropólogos, historiadores, arquitetos, arqueólogos, geógrafos e vários outros.
- Arvorar o envolvimento de parcerias para valorização e proteção do patrimônio cultural viabilizando a preservação e a manutenção dos bens históricos, artísticos e culturais, locais.
- Considerar o relacionamento entre treinamento e educação e sua aplicação nas variadas categorias pertencentes ao turismo, aumentando o acesso ao treinamento e à educação.
- Inovar a proposta da Instituição SENAT, responsável por capacitar e qualificar os profissionais do transporte que buscam obter “permissão” para atuarem.
- Conscientizar as categorias em relação ao patrimônio e, a partir disso, torná-lo também um incremento ao turismo.

### **1.5 Objetivo do curso de educação patrimonial**

- Proporcionar aos alunos conhecer as expressões materiais e imateriais da cultura local integradas em uma visão histórica e, a partir daí, incluí-los na difusão das possibilidades turísticas, atentos aos fatores de desenvolvimento e preservação da própria cultura.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Patrimônio

A palavra **patrimônio** pode apresentar vários significados. Desde o início dos tempos, ouve-se esta palavra sem perceber e talvez até sem atentar para seus vários significados. Na maioria das vezes, entende-se o termo como patrimônio de uma pessoa ou de uma família, pois é visto como o conjunto de bens que uma pessoa ou uma entidade possui. Segundo Gonçalves (2003, p. 21) “falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país (...)” Mas o propósito aqui é abordar o termo no sentido de patrimônio cultural, enfatizando também as noções de “patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos, sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limites para o processo de qualificação dessa palavra” (GONÇALVES, 2003, p. 21). Quando se fala sobre um determinado território, patrimônio passa a significar “o conjunto de bens que estão dentro de seus limites de competência administrativa. Logo, patrimônio nacional é o conjunto de bens que pertencem a determinado país” (BARRETTO, 2003, p. 9).

Assim, pode-se dividir patrimônio em natural e cultural. “Patrimônio natural são as riquezas que estão no solo e no subsolo, tanto as florestas quanto as jazidas. Quanto ao patrimônio cultural, esse conceito vem sendo ampliado à medida que se revisa o conceito de cultura” (BARRETTO, 2003, p. 9). Se para Barretto o conceito de patrimônio cultural ainda não é entendido, para Teixeira Coelho (2004, p. 286-287) “o patrimônio cultural é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Até a primeira metade do século XX, patrimônio cultural era praticamente sinônimo de obras monumentais, obras de arte consagradas, propriedades de grande luxo, associadas às classes dominantes, pertencentes à sociedade política ou civil. Os prédios considerados merecedores de cuidados especiais e de exibição eram antigos palácios, residências de nobres ou locais que marcaram a história política de um determinado local, com seus fatos e momentos de relevância.

O patrimônio, transformado em monumento, passou a ser considerado um mediador entre o passado e o presente, uma âncora capaz de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de propiciar a identificação com determinada nação.

Na realidade, entendia-se como patrimônio cultural as obras de arte no espaço (pintura, escultura e arquitetura), mas sabe-se que existem outras artes, como aquelas que transcorrem no tempo, como a dança, a literatura, o teatro, a música. Sabe-se também que o ser humano não produz somente obras de arte; produz ciência, sabedoria, máquinas, remédios, história, vestuário, receitas de cozinha e outros mais. Enfim, produz hábitos, usos e costumes. Hoje, há um consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, incluindo não somente as manifestações artísticas mas todo o fazer humano, não representando somente a cultura para as elites, mas também a cultura àqueles menos favorecidos (BARRETTO, 2003).

Foi somente a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa que o significado de patrimônio estendeu-se do privado, dos bens de uma pessoa ou de um grupo de pessoas – a nobreza - para o conjunto dos cidadãos. Em 1832, Victor Hugo escreveu um artigo sobre a necessidade de proteção ao patrimônio histórico, que enunciava uma espécie de lei moral que começou a ser formulada sobre o patrimônio a ser salvaguardado para todos os membros da comunidade nacional (ABREU, 2003, p. 30-31).

Após a aprovação da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Unesco, em 1972, o mundo ocidental começou realmente a considerar as questões que envolviam os aspectos patrimoniais. No Brasil, a idéia de que o patrimônio não se compõe apenas de edifícios e obras de arte erudita, estando também presente nos produtos da alma popular, remonta à década de 1930 e consta no projeto que o poeta modernista Mário de Andrade elaborou para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional em 1936. “Ao descrever, nesse projeto, a categoria das artes arqueológica e ameríndia, o poeta explicou que ela compreendia não apenas artefatos colecionáveis, mas também as paisagens e o folclore” (SANT’ANNA, 2003, p. 50).

O chamado **patrimônio de pedra e cal**, em um momento mais recente, recebeu uma nova qualificação, sendo denominado de patrimônio imaterial ou intangível. Nessa nova qualificação

estão incluídos os lugares, as lendas, as festas, as religiões, as formas de medicina popular, a música, os vocabulários, a culinária, os provérbios, as técnicas, os contos, os ditos, e outros. Este patrimônio abrangente “é usado não somente para simbolizar, representar ou comunicar: é usado para agir. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas” (GONÇALVES, 2003, p. 24).

Tudo isso se deve também à

ampliação do conceito de cidadania, que implica reconhecimento dos direitos culturais de diferentes grupos que compõem uma sociedade, entre eles o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar, como também o reconhecimento de que produzir e consumir cultura são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade (...) (FONSECA, 2003, p. 74).

Logo, conclui-se que patrimônio está ligado ao tangível, ao intangível e também à noção de preservação. Seja, preservar a memória de fatos, seja de pessoas, seja de idéias, por meio de algo construído que a comemore, narre ou represente. É uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas, concordando com Sant’Anna (2003, p. 46) para quem “o patrimônio transformado em monumento trabalha e mobiliza a memória coletiva por meio da emoção e da afetividade, fazendo voltar a um passado, visando preservar a identidade de uma comunidade”.

### *2.1.1 O patrimônio em Goiânia-GO*

A cidade de Goiânia, com seus 71 anos, foi projetada e edificada segundo perspectivas de progresso e crescimento, sendo considerada uma das grandes obras do Brasil na época. Em 24 de outubro de 1933 ocorreu o lançamento da Pedra Fundamental. A partir de então, a construção seguiu rapidamente, tanto que em 02 de agosto de 1935 realizou-se a mudança provisória da capital, com a criação do município de Goiânia. A mudança definitiva ocorreu em 23 de março de 1937, quando os edifícios públicos já estavam concluídos. Em 05 de julho de 1942 ocorreu o batismo cultural da cidade, no Cine-Teatro Goiânia, com grandes festas, e a nova cidade já contava com 15.000 habitantes, o dobro da Cidade de Goiás (antiga capital goiana), com seus 200 anos. Armando de Godói, um dos engenheiros do projeto, enfatizava que Goiânia deveria

representar uma cidade moderna, tal qual almejavam os urbanistas de outros países como Inglaterra, França, Estados Unidos.

Esse tipo de cidade, de acordo com o engenheiro, era uma escola para as “massas populares”, conduzindo-as aos hábitos cotidianos mais modernos, educando-as para as boas atividades (...) em outras palavras, Goiânia era traçada de uma forma que faria com que as pessoas passassem a ter hábitos diferentes dos que elas tinham na antiga capital (GOMIDE, 2003, p. 43).

Goiânia já foi considerada cidade tradicional e cidade moderna. De 1980 em diante, considera-se que vive a pós-modernidade, ou seja, tenta se aproximar dos movimentos ecológicos enquanto tenta, ao mesmo tempo, preservar as tradições históricas, valorizando formas de lazer mais próximas da natureza, ocorrendo também uma mudança no discurso dos administradores da cidade, que passaram a utilizar expressões como, **respeito ao meio ambiente, qualidade de vida, recuperação da memória histórica** e outras (OLIVEIRA, 2003, p. 45-46).

Na busca pela recuperação da memória histórica, foi solicitado o tombamento das obras mais antigas da cidade, e assim o patrimônio goianiense foi reconhecido e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - através da portaria n. 507, de 18 de novembro de 2003, compreendendo os seguintes bens:

- Coreto da Praça Cívica;
- Fontes Luminosas;
- Fórum e Tribunal de Justiça (atual Secretaria de Estado do Trabalho);
- Residência de Pedro Ludovico Teixeira (atual Museu Goiano Pedro Ludovico Teixeira);
- Edifício do Antigo Departamento Estadual de Informação (atual Museu Goiano Zoroastro Artiaga);
- Obeliscos com Luminárias;
- Palácio das Esmeraldas, moradia oficial do governador e de sua família;
- Edifício da Antiga Delegacia Fiscal (atual Delegacia de Administração GO/TO do Ministério da Fazenda);
- Edifício da Antiga Chefatura de Polícia (atual Procuradoria Geral do Estado);
- Edifício da Antiga Secretaria Geral (que atualmente abriga o Centro Cultural Marietta Telles Machado e a Agência de Cultura Pedro Ludovico Teixeira - Agepel);

- Torre do Relógio, situada no canteiro central da extremidade sul da Avenida Goiás;
- Edifício do Tribunal Regional Eleitoral;

De acordo com o dossiê de pedido de tombamento federal (IPHAN, processo número 1500-T-2002), este grupo de doze imóveis foi denominado “Conjunto da Praça Cívica”. O Conjunto, considerado o marco zero da construção, foi inaugurado em 05/07/42, formado também por praças de convivência contendo fontes luminosas e jardins. Além destes, foram tombados também:

- Edifício do Colégio Estadual Liceu de Goiânia;
- Edifício do Antigo Grande Hotel;
- Edifício do Teatro Goiânia;
- Edifício da Antiga Escola Técnica Federal de Goiânia, hoje CEFET-GO;
- Edifício da Antiga Estação Ferroviária de Goiânia;
- Mureta e Trampolim do Lago das Rosas;
- Edifício do Antigo Palace Hotel;
- Edifício da Antiga Subprefeitura e do Fórum de Campinas;
- Traçado Viário dos Núcleos Urbanos Pioneiros (IPHAN, 2003).

A Goiânia metrópole atual convive com outra Goiânia, a Goiânia tradicional, embasada na ruralidade que a sustentou na década de 1930. Para apreender esta jovem capital, deve-se partir da necessidade de uma reflexão sobre a história vivida por seus habitantes. Vários autores como Gomide, Chaul, Oliveira e outros utilizam-se sempre de questões reflexivas como, qual é o conceito que se pode dar a Goiânia? É essa cidade, **moderna ou tradicionalmente rural**? Onde se limita **a cidade e o campo**? Onde permeia **o moderno e o atrasado**? Chaul (1998, p. 33) assim responde, com outra pergunta: *“afinal, onde estamos nós se não entre as portas de nosso passado e os currais de concreto de nossa modernidade?”*

É neste *pensar* que ficam as discussões que circundam os bens patrimoniais, afirmando que **as coisas do passado** podem tornar-se altamente significativas para o presente e estimulantes para o futuro. O **problema** causador e motivador do presente projeto, que trata da **distância do público em relação ao patrimônio**, busca na educação a forma de amainar essa distância trilhando os caminhos da educação patrimonial.



## 2.2 Educação

O tema educação aqui se faz e se explica por buscar incessantemente uma prática educativa transformadora, e o pensamento de Paulo Freire, sem dúvida, é uma das grandes inspirações para este propósito. O respaldo da **idéia de educar** de forma atualizada, criativa, provocativa, corajosa e, sobremaneira, esperançosa, levou à busca da compreensão de tudo o que gira ao nosso redor. Uma educação fundada na ética, no respeito ao cidadão e à própria autonomia do educando. É acreditando na educação, que este trabalho é proposto, concordando também com as idéias de Brandão (2003, p. 7) para quem “ninguém escapa à educação, em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. “É um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca, demonstrando aqui a raiz da educação” (FREIRE, 2001, p. 27).

Se, em um grupo de camponeses, conversarmos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós. Levando o exemplo para a realidade aqui pesquisada, deve-se atentar, então, para as falas dos taxistas entrevistados, pois eles provavelmente sabem sobre o tema. É o momento de perceber a importância dada a estas pessoas; importância sempre necessária.

A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, as mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplicas. Este ensinamento e este aprendizado têm de partir, sobretudo, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com eles realmente se solidarizem. Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira (FREIRE, 2003, p. 31).

Talvez o grande quesito esteja na humildade em se ver e reconhecer como ser humano. Em reconhecer que todos pertencemos a um lugar, a um povo. Crer no povo é condição prévia, indispensável à uma mudança revolucionária. É preciso crer nos homens. Não é uma crença em transformar as mentes e sim em transformar a situação que os envolve.

A educação cuja tônica seja preponderantemente narrar é, para Paulo Freire (2003, p. 57-58), uma quase enfermidade da narração. A educação aqui proposta contrapõe-se à idéia de “falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos”. O educador não aparece aqui como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável seria encher os educandos dos conteúdos de sua narração, conduzindo-os à memorização mecânica do conteúdo narrado, “mais ainda: a narração os transformando em [vasilhas], em recipientes a serem [enchidos] pelo educador” (FREIRE, 2003, p. 57-58). Esta educação se tornaria, assim, um simples ato de depositar, na qual os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Eis aí a **concepção bancária** da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

A razão de ser da educação libertadora aqui defendida está no seu impulso inicial conciliador. E o inicial conciliador se vê no resgate histórico, pois as histórias são feitas de lutas e sonhos. São elas que tecem a trama da singular história de uma cidade, pois uma cidade não é feita só de prédios, ruas e casas. Uma cidade é feita de gente. Compreendendo o seu próprio percurso de vida, ao mesmo tempo em que procuram compreender o seu meio social e simbólico, os pioneiros de uma cidade tomam a história em suas mãos. Contando sua trajetória de vida, elaboram a biografia da cidade. Ser sujeito da história significa ter consciência de seu papel ativo na construção do mundo (BEZERRA DE ALMEIDA, 2003).

Portanto, parece sempre que “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante” (BRANDÃO, 2003, p. 9). A educação existe em mundos diversos, como em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes e tantos outros.

“A educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Ela ajuda a pensar os tipos de homens” (BRANDÃO, 2003, p. 11). Mais além do que isso, a educação ajuda a criá-los,

através do **passar de uns para outros** o saber que os constitui e legitima. A educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

Para tudo que é importante para uma comunidade, como a existência de algum tipo de saber, existe algum modo de ensinar. Cada grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar a crianças, adolescentes e também jovens e mesmo adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade ou grupo idealiza, projeta e procura realizar (BRANDÃO, 2003, p. 22). Educar não é uma tarefa, é uma experiência única e singular para cada pessoa em seu contexto intransferível de vida. Educar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

O mundo da cultura, que se estende ao mundo da história, é um mundo de liberdade, de opção e de decisão, ou seja,

(...) para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. É impossível estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem elaborar pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação e sem politizar (FREIRE, 2004, p. 35-58).

Para um ser humano se perceber sujeito de sua história e ingressar no propósito da educação, é necessário o desenvolvimento do sentimento de pertença, estimulado pela identidade local, bastando para isso que este ser humano busque conhecer e preservar sua própria história.

A proposta educativa aqui defendida neste projeto resume-se a resgatar princípios básicos que foram abandonados e conciliá-los com novas posturas necessárias para viver no século XXI, mas retornando sempre às origens, ou seja, resgatando o passado, vivendo o presente e, ao mesmo tempo, projetando o futuro. Se a cultura reflete a necessidade de um povo em se comunicar, se

expressar, se mostrar e até sonhar, a educação deve tornar este mesmo povo um povo pensante, questionador, pois quanto mais se investiga o pensar do povo junto a ele, mais todos se educam juntos, e quanto mais se é educado, tanto mais se continua investigando.

### **2.3 Educação patrimonial**

A proposta da educação patrimonial vai ao encontro do pensamento de Paulo Freire, que aposta na cultura como elemento-chave para uma educação que se pretende libertadora e emancipatória. Uma educação condizente no sentido de libertar e deixar que os indivíduos se sintam e depois se percebam na história, no cotidiano, relacionando-se com os outros. Eis aqui a mais importante tarefa da prática educativo-crítica, na qual educandos e educador podem propiciar relações mútuas, inclusive ensaiando a experiência de assumir-se como indivíduos que conseguem pensar, comunicar, transformar, criar e realizar, transformando-se, assim, em seres sociais e históricos. Todo este processo retrata a questão da **identidade cultural**, pois é acreditando na cultura que se percebe as várias relações entre indivíduos e grupos, em seus vários gestos e comportamentos, que se cruzam cheios de significação.

A expressão **educação patrimonial** vem se tornando cada vez mais familiar e freqüente nos trabalhos dos responsáveis pela preservação, identificação e valorização do patrimônio cultural no país. O Brasil é um país pluricultural e deve esta característica ao conjunto de etnias que o formaram e à extensão do seu território. Esta diversidade cultural contribui para a formação das várias identidades dos cidadãos brasileiros, que a incorporam e lhes permitem reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, nos últimos vinte anos, tem desenvolvido ações na área de educação patrimonial coordenadas pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, diretora do Museu Imperial-RJ. A proposta metodológica para o desenvolvimento das ações educacionais voltadas para o uso e a apropriação dos bens culturais foi introduzida, em termos conceituais e práticos, a partir do primeiro seminário, realizado em 1983, neste Museu, inspirando-se no trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob a designação de **Heritage Education (Educação Patrimonial)**.

A partir da experiência inicial, inúmeras questões vêm sendo formuladas ao longo do processo de difusão e implantação da metodologia de educação patrimonial. A prática e as experiências desenvolvidas em diferentes contextos e locais no Brasil vieram trazer as respostas procuradas e demonstrar **resultados surpreendentes**: o primeiro deles pode ser visto como uma nova visão do Patrimônio Cultural Brasileiro em sua diversidade de manifestações, tangíveis e intangíveis, consagradas e não consagradas, como fonte primária de conhecimento e aprendizado, a ser utilizada e explorada na educação de crianças e adultos, inserida nos currículos e disciplinas do sistema formal de ensino ou ainda como instrumento de motivação, individual e coletiva, para a prática da cidadania, o resgate da auto-estima dos grupos culturais e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações.

É um instrumento de alfabetização cultural que requer, antes de qualquer outro propósito, possibilitar ao indivíduo fazer uma leitura do mundo que está ao seu redor, possibilitando compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido, tratando-se de um momento de percepção e de sentimento de localização, em um processo que leva ao reforço da auto-estima do indivíduo e da comunidade e à valorização da cultura local, compreendida como múltipla e plural. “O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e pelo estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e a valorização desses bens” (HORTA et al. 1999, p. 6).

A tarefa específica da Educação Patrimonial é descobrir a rede de significados, relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização (HORTA et al. 1999, p. 9).

A educação patrimonial deve ser vista como um processo permanente de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e as manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho

de educação patrimonial busca levar as pessoas envolvidas a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. O patrimônio cultural e o meio ambiente histórico oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e de curiosidade, levando a querer conhecer mais sobre eles, através dos fatores preponderantes ao intuito da ação educativa, que são o contato, o olhar e a percepção.

A metodologia específica da educação patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto, seja um conjunto de bens, seja um monumento, um sítio histórico ou arqueológico, seja uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, seja um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias, saberes populares e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente. Esta metodologia pode levar os professores a utilizarem os objetos culturais na sala de aula ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças-chave no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera ilustração das aulas, baseando-se nas etapas sucessivas de percepção (observação e registro), análise (exploração) e interpretação (apropriação) das expressões culturais, sendo necessário definir e delimitar os objetivos e as metas da atividade, de acordo com o que se quer alcançar e com a natureza e a complexidade do que está sendo estudado (HORTA et al. 1999).

Antes de iniciar o trabalho com qualquer um dos temas ligados ao patrimônio, é necessário definir os objetivos e os resultados pretendidos. Para isso, é vital o desenvolvimento do Projeto de Gestão, decidindo que habilidades, conceitos e conhecimentos são esperados que os alunos adquiram e de que modo o trabalho se insere no currículo ou grade do curso. A preparação do trabalho e seu desenvolvimento posterior em sala de aula devem ser planejados para que a maioria dos alunos obtenha certo aproveitamento e também um acúmulo maior de experiências, principalmente se tiver um produto final tangível, como uma sessão de diapositivos, um vídeo ou uma pequena exposição que possa documentar todo o processo (HORTA et al. 1999, p. 11).

Uma vez definido o objeto, o fenômeno ou o tema de estudo, a ação educativa desenvolve-se da seguinte maneira:

Quadro 1 – Etapas da ação educativa

<b>Etapas</b>	<b>Recursos/Atividades</b>	<b>Objetivos</b>
Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação do objeto/função/significado.</li> <li>• Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.</li> </ul>
Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica.</li> <li>• Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.</li> </ul>
Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.</li> </ul>
Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão, como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.</li> </ul>

Fonte: Horta et al. 1999, p. 11.

Tendo como princípio a experiência direta dos bens e fenômenos culturais para se chegar a sua compreensão, internalização e valorização, o método da educação patrimonial só pode ser, da mesma forma, **um processo contínuo de experimentação e descoberta**, apresentando, assim, sua admirável **importância**. Sua riqueza e seu potencial só podem, portanto, ser avaliados e dimensionados por aqueles que o experimentam em seus diversos campos de ação - patrimonial, educacional e comunitária.

Neste sentido, o **patrimônio cultural (material e imaterial)** e o **meio ambiente histórico** podem constituir importantes elementos de conscientização, uma vez que o processo contínuo de experimentação e descoberta, através do contato direto com museus, edifícios e artefatos históricos, permite uma salutar abertura para as variedades culturais do passado e do presente. Este é o caminho que será percorrido em seus detalhes junto às categorias envolvidas (primeiramente, os condutores de táxis), buscando propiciar-lhes conhecimento acerca do patrimônio, através da educação patrimonial, pois acredita-se ser fundamentalmente uma conscientização destes profissionais em relação ao patrimônio e, a partir disso ser também, um incremento ao turismo.

## 2.4 Turismo

Para abordar este tema, buscou-se apoio nos aspectos sociais e não meramente econômicos, pois acredita-se ser o turismo um movimento de pessoas, tornando-se um fenômeno que envolve, antes de mais nada, **gente**, tanto do lado dos habitantes temporários (os próprios turistas), quanto do lado dos receptores. Para abordar o turismo cultural, as reflexões aqui colocadas alicerçam-se em Margarita Barretto (2003), por tratar-se de uma autora que tem discutido de maneira efetiva e singular a relação entre turismo e patrimônio cultural, a partir de uma perspectiva antropológica. Conquanto exista uma vasta bibliografia acerca do tema, para o assunto turismo de negócios buscou-se apoio em John Swarbrooke (2000), por ser este um questionador acerca do turismo sustentável, enquanto perspectiva, discussão e abordagem.

O turismo, numa abordagem *stricto sensu*, é um tipo específico de deslocamento praticado por um tipo específico de viajante, que é o turista. Existem muitos tipos de viajantes e o que os diferencia dos turistas são características como o objetivo da viagem, o tempo de permanência fora de casa e o estado de espírito (BANDUCCI JR.; BARRETTO, 2003, p. 7).

A realidade turística é perceptível, sendo um fenômeno social porque faz parte das necessidades criadas pelo mundo moderno. “O turismo passou a ser uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo, sendo a forma de lazer mais procurada. Dos 6,8 bilhões de habitantes no planeta, 600 milhões se deslocam por ano de um país para outro, tratando-se, assim,



do maior fenômeno de deslocamento voluntário da humanidade” (BANDUCCI JR.; BARRETTO, 2003, p. 8).

Dizem não ser um ramo das ciências econômicas e sim das ciências sociais. Mas, apesar da magnitude e da importância no mercado mundial, o turismo tornou-se tema das ciências sociais, apenas recentemente. Foi na década de 1960 que os primeiros trabalhos surgiram sobre essa atividade na sociologia e na antropologia. O artigo pioneiro dentro da antropologia foi escrito por Theron Nunes em 1963, e tratava do tema do turismo de fim de semana em uma vila mexicana (BANDUCCI JR., 2003, p. 24).

A relação entre os estudos de antropologia e as disciplinas ligadas à chamada **indústria do turismo** tem sido marcada pela tensão, pois várias disciplinas têm-se devotado a ensinar e contribuir com os representantes da chamada **indústria turística** (*trade*), como, direcionar as empresas e seus investimentos para obter um melhor lucro com os viajantes e turistas, como aprimorar as técnicas de administração, de marketing, de propaganda, de otimização dos recursos escassos etc., enquanto os empresários e planejadores deveriam ficar a par dos impactos que a atividade ocasiona, refletir e buscar alternativas de desenvolvimento harmônico que permitam alcançar o que na atualidade é considerado o “paradigma da sustentabilidade, que reúne o aspecto econômico (a atividade deve ser rentável para a comunidade), o social (a convivência entre visitante e visitado deve ser na base do respeito à alteridade) e o ambiental (há uma quantidade máxima de turistas que não pode ser ultrapassada sob pena de ocasionar vários níveis de desconforto)” (BANDUCCI JR.; BARRETTO, 2003, p. 9; 12). Seguindo essa linha de raciocínio, serão abordados agora os temas turismo cultural e turismo de negócios.

#### *2.4.1 Turismo cultural*

São várias as preocupações no que se refere ao turismo. Alguns o estudam enfatizando a preocupação com o planejamento (como organização da atividade); outros com fatores ambientais (impactos provocados); outros com as transformações ocorridas provenientes do turismo de massa (aquele que desloca o turista para os conhecidos destinos populares, de preferência em grupos, mantendo com as populações residentes pouco ou nenhum contato,

sempre acompanhado de um guia, viajando com todos os contatos previamente realizados por um agente de viagens e, dentro do possível, só visitando locais preparados para recebê-lo).

Existem também outras preocupações, como a de que o turismo pode transformar não somente as economias locais como a exploração dos recursos naturais, culturais ou históricos de forma lucrativa, o que tem levado à degradação de alguns espaços em diversos aspectos e níveis. Mas essa questão não é universal, pois há exemplos de culturas enraizadas, que não são atingidas da mesma forma pelo turismo, apresentando como resultado contrário, o seu fortalecimento. Barretto (2003, p. 31) cita o exemplo das comunidades indígenas da costa oeste do Canadá que estão fazendo escola no que se refere ao fortalecimento da cultura local.

Vale aqui questionar o que teria ocorrido com as cidades históricas de Minas Gerais se não tivessem sofrido as transformações que as elevaram à categoria de atrativos turísticos. Pessoas ligadas ao turismo talvez respondam esta questão da mesma forma como respondem, por exemplo, no caso das rendeiras de Florianópolis, apontando que estas teriam desaparecido há tempo se não fosse pelo turismo. “A revitalização de bairros inteiros para consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas existentes neles” (BARRETTO, 2003, p. 32). A crítica é quanto à transformação do patrimônio em bem de consumo, pois o patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser **vendido** como atrativo turístico.

Concordando com Barretto (2003), para o patrimônio a melhor opção para eludir a ação inexorável do tempo parece ser a conservação, que permite viabilizar economicamente a manutenção dos bens culturais, móveis ou imóveis, e fundamentalmente a utilização dos bens como equipamentos turísticos, o que implica, também, transformá-los em museus, mas dentro das novas propostas em que os museus sejam equipamentos capazes de despertar o interesse na visita por parte dos turistas. Barretto (2003, p. 34-35) cita vários exemplos de projetos turísticos que levaram bairros inteiros à revitalização, como o Pelourinho, em Salvador-BA; o centro histórico de Recife-PE; os centros de São Paulo e do Rio de Janeiro; o centro de Nova York; o píer de Chicago; a baía e o antigo porto de Boston; Puerto Madero, em Buenos Aires;

Quality Hill, em Kansas; Montpelier, na França, e vários outros. São conhecidos alguns projetos combinados do poder público com empresas privadas que levam a investimentos nos referidos imóveis, à recuperação das características históricas locais, a um deslocamento da população de baixa renda e à recuperação de lugares para trânsito e lazer dos habitantes da cidade e, por consequência, dos turistas. As repercussões na área científica têm sido positivas, “estimulando, entre outras coisas, o crescimento da etno-história dedicada à pesquisa dos modos de vida, das relações de produção e das representações do passado e do presente, numa conjunção de disciplinas como Antropologia, Geografia, História da Tecnologia, História das Mentalidades e outras” (BARRETTO, 2003, p. 35). O turismo passaria, assim, a ser um dos fatores desencadeadores do processo de aproximação entre o passado e o presente, lembrando que a conservação, a manutenção e a utilização de bens como equipamentos turísticos devem ser realizadas junto à comunidade. A comunidade deve ser previamente consultada para que possa expressar qual é sua vontade, bem como se os locais antes das transformações não eram locais que faziam parte da história da comunidade. O processo de **turistificação**, ou seja, a transformação de algum local em **lugar turístico** sempre se dá ao sabor do mercado, com empreendedores isolados, quase sempre sem planejamento, sem atenção para a **prática** do turismo enquanto recepção.

Para a prática do turismo aparece uma quase infinita variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas grandes divisões, o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais. Seguindo essa divisão, Barretto (2003, p. 29) conceitua **turismo cultural** como “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana”. Já o autor Teixeira Coelho (2004, p. 359) aponta que, “embora seja costume colocar um largo espectro de atividades sob a capa da expressão *turismo cultural*, em sentido estrito ela se refere ao turismo que abre espaço para a visitação a museus e locais históricos, considerados patrimônio de uma comunidade e, acessoriamente, para a frequentação a espetáculos de ópera, teatro, cinema etc.” Para este autor, o turismo cultural é composto de atividades voltadas para os modos culturais geralmente de **elite**, enquanto uma visitação a zonas representativas da cultura popular de uma cidade pode não ser considerada uma forma de turismo cultural, o que demonstra preconceito contra os modos culturais populares. Enquanto Teixeira Coelho aponta o conceito vinculado ao preconceito, Barretto sugere que,

dentro do turismo cultural, seja contemplada não apenas a cultura erudita (visita a museus), mas também o ramo do entretenimento, acreditando não haver um conceito genérico ao conceito de turismo cultural.

Da mesma forma como se busca conceituar as várias formas de turismo, também se busca conceituar os praticantes, aqui vistos como turistas. “Alguns autores diferenciam os turistas em peregrinos modernos e buscadores de prazer. Os peregrinos modernos têm em comum o fato de procurarem modos de vida alternativos, autenticidade e contato com as culturas visitadas. Já os buscadores de prazer, ao contrário, procuram apenas fugir de seu cotidiano em lugares que ofereçam muitos equipamentos recreativos e a possibilidade de relaxamento físico” (BARRETTO, 2003, p. 20).

Quanto ao critério motivação, que pode traçar o perfil dos turistas, “na década passada, a sociologia europeia começou a perceber relativas mudanças no perfil do turista norte-americano que visita a Europa, detectando um número crescente de pessoas que procuravam enriquecer sua bagagem educativa”, conforme demonstra o Quadro 2.

Quadro 2 - Perfil dos turistas norte-americanos que visitam a Europa

Década de 1980	Década de 1990
88% tinham como prioridade gastar dinheiro	<b>88% tinham como prioridade compreender a cultura</b>
60% apreciar as belezas naturais	73% apreciar as belezas naturais
<b>48% compreender a cultura</b>	72% perceber novas perspectivas de vida
44% conhecer um novo local	57% visitar um local diferente, novo

Fonte: Adaptado de Barretto, 2003, p. 21-22.

Esta procura por cultura tem levado, de um lado, a um crescimento do turismo urbano e, dentro deste, a uma procura por turismo histórico, artístico e cultural. Barretto (2003) aponta que, na maior parte da Europa, tem havido uma enorme valorização dos museus e do patrimônio histórico como atrativos turísticos, fato que reverte em benefício das próprias comunidades hospedeiras, já que seus museus são revitalizados e até sustentados pela atividade turística.

Em pesquisa realizada no ano 2003 por Larissa Rezende, acadêmica do curso Administração em Turismo pela Universidade Católica de Goiás – UCG, intitulada “A Realidade dos Atrativos Turísticos de Goiânia-GO e suas Repercussões na Comunidade Local”, apresentou como resultado uma maioria apontando os bares e restaurantes como os mais significativos atrativos turísticos de Goiânia. O resultado da pesquisa é especificado no Quadro 3.

Quadro 3 – A realidade dos atrativos turísticos de Goiânia-GO e suas repercussões na comunidade local

<b>Bares e Restaurantes</b>	<b>75%</b>
Shopping Centers	59%
Teatros e cinemas	56%
Parques em geral	43%
Boates	34%
Museus	15%
Clubes	12%

Fonte: Adaptado de Rezende, 2003, p. 32-33.

Mediante a pesquisa realizada em Goiânia, é possível perceber que existe um distanciamento da própria comunidade em relação à procura pela visita dos pontos turísticos da cidade, o que desencadeia uma desvalorização dos museus e do próprio patrimônio cultural. A partir da pesquisa em Goiânia, não é possível retratar o perfil dos turistas, pois seria necessária uma pesquisa profunda, que enfocasse principalmente a motivação da visita a esta cidade.

A forma como o turista faz contato e como acontece a interação constituem, atualmente, os grandes parâmetros para a classificação dos turistas e seu enquadramento em categorias sócio-antropológicas. A interação entre o turista e o local é que indicará os tipos de turismo mais adequados à otimização da proteção do meio ambiente, tanto natural quanto cultural, do núcleo receptor (BARRETTO, 2003, p. 22-23).

Acredita-se que o tipo de turismo mais adequado deve ser aquele que envolve a própria comunidade e a estrutura do local, dispondo de um planejamento que envolva o setor público, o

privado e a comunidade. Se se pretende oferecer turismo ligado à cultura, à memória e à identidade local, é importante deixar claro à comunidade envolvida que o local, seus costumes e hábitos irão e continuarão sempre a lhes informar quem são e de onde vêm, mesmo sabendo que **no mundo atual moderno**, a realidade vivida é bastante diferente da dos antepassados, uma vez que as tecnologias de informação e de comunicação têm possibilitado colocar o que acontece no mundo inteiro de forma simultânea dentro de todas as casas, permitindo, assim, conhecer diferentes padrões culturais e até imitá-los.

Esta nova organização decorre da globalização da economia, que permite que todos dentre os mais variados objetos de consumo circulem pelo mundo e, ao mesmo tempo, oferece condições para que todo e qualquer indivíduo possa adquiri-los.

Tudo isso tem levado a uma padronização de gostos, atitudes, valores e expressões que, de um lado, facilita a dominação econômica e cultural e, de outro, deixa os lugares sem sua *cor local*, levando o indivíduo, num determinado ponto, a se perguntar: mas, afinal, quem sou eu? De onde venho? Quais são as minhas raízes e a minha história? (BARRETTO, 2003, p. 46-47).

A recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas, leva, numa etapa posterior, inexoravelmente, à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais o passado. Entretanto, sabe-se também que “nada nem ninguém permanecem absolutamente idênticos a si mesmo para sempre” (BARRETTO, 2003, p. 48-49). Ainda que conhecidos alguns problemas sobre a transformação do patrimônio e da história em bens de consumo e o fato de que há uma ressignificação nesse processo, ainda se acredita que é sempre uma melhor opção do que o esquecimento da história ou do que a derrubada de prédios em decorrência da especulação imobiliária. É neste processo<sup>4</sup> que o **planejador de turismo** é visto como peça-chave, pois pode fazê-lo, conciliando turismo e legado cultural de forma correta.

Compete ao planejador de turismo a ingerência profissional para que o patrimônio, as tradições, a história, enfim, todo o legado cultural possa ser transformado de forma pensada e consciente, gerando um produto turístico de qualidade, bom para ser usufruído pela comunidade local. Dentre

algumas técnicas e métodos, o planejador pode, inclusive, “pesquisar e trabalhar em conjunto com profissionais do patrimônio - historiadores, sociólogos, arqueólogos, museólogos, educadores e outros cientistas -, para propiciar encenações fidedignas da história, que agradem aos turistas, mas que não deturpem os fatos do passado” (BARRETTO, 2003, p. 76).

Dessas reflexões chega-se à conclusão de que um dos graves problemas do turismo cultural e histórico tem sido a falta de planejamento e este é um fator decisivo para que o turismo cultural possa ser um produto realmente autêntico, oferecendo benefícios não somente econômicos, mas benefícios socioculturais aos envolvidos. Sabe-se também que se pode criar um produto turístico cultural sem falsificações para agradar os turistas e há comprovações de que pode dar certo, bastando para isso pensar que “o produto está dirigido não apenas a uma platéia de curiosos forasteiros (estrangeiros ou não), mas também aos próprios cidadãos locais, que seu objetivo é mostrar às gerações jovens qual foi o processo pelo qual sua sociedade passou para chegar ao ponto em que se encontra” (BARRETTO, 2003, p. 76-77). Esse processo mostra a todos os envolvidos, de forma harmoniosa, o passado, conciliando com o presente, ao mesmo tempo em que busca uma espera pelo futuro de forma mais tranqüila, pois entendendo o que o rodeia, a vida social torna-se mais amena ao homem.

#### *2.4.2 Turismo de negócios*

Para Swarbrooke (2000, p. 85) “o turismo de negócios é o turismo empreendido para atender a compromissos profissionais do indivíduo, tratando-se de um setor amplo e diversificado”. O turismo de negócios tem a seguinte composição: exposições, reuniões e conferências, cursos de treinamento, viagens de incentivo, lançamentos de produtos, viagens de estudo, intercâmbios estudantis, viagens de negócios individuais, entre outros.

Pode-se argumentar que, num futuro próximo, o crescimento de conferências via satélite ou por vídeo-computador-cd-rom deva provocar algumas alterações no turismo de negócios, alterando a demanda por esse tipo de viagem. Seguindo esta tendência, as tecnologias de realidade virtual também estão permitindo a realização de muitos tipos de treinamentos, que vão desde cursos para bombeiros até operações cirúrgicas de emergência sem a necessidade de viajar para um centro de treinamentos ou hospital. Contudo, até o presente momento, a substituição das viagens de

negócios por essas novas tecnologias ainda não estão muito difundidas, devido à qualidade limitada das tecnologias de que se dispõe atualmente e ao alto custo de sua aplicação, bem como da natureza de alguns negócios, que só podem ser realizados pessoalmente.

São várias as características específicas do turismo de negócios que o deixam particularmente problemático diante do conceito de turismo sustentável, ou seja, a sustentabilidade significando mudanças de atitude de ambos os lados, tanto no lado da demanda turística quanto no lado do fornecimento turístico (conhecido como indústria do turismo). De início, deve-se entender o turista de negócios como aquele indivíduo que viaja e consome os diversos produtos e serviços dos fornecedores do turismo de negócios. “Ele quer viajar com o máximo conforto, e o *status* é uma de suas preocupações constantes. Por isso, ele reagirá negativamente a qualquer sugestão que ameace tornar a sua viagem mais difícil ou que reduza o seu *status*” (SWARBROOKE, 2000, p. 87).

A maior parte dos turistas de negócios realiza mais viagens num ano do que a média dos turistas de lazer, e por isso eles exigem mais da infra-estrutura dos transportes e dos serviços na destinação. “Os turistas de negócios tendem a ser muito exigentes e a querer serviços de alta qualidade, mesmo quando em cidades de países emergentes” (SWARBROOKE, 2000, p. 86). Esta demanda por melhores serviços gera a necessidade de o núcleo receptivo estar altamente preparado para receber o turista. Esse **preparo** deve iniciar-se já na recepção, seja no aeroporto ou na estação rodoviária, percorrendo os hotéis, os centros onde acontecem os eventos, enfim, em toda a logística do turismo de negócios.

Não obstante a demanda por infra-estrutura adequada, este tipo de turismo provoca aumento da poluição, devido ao intenso número de veículos; à exigência de serviços e instalações padronizadas, ocasionando a perda das diferenças culturais e geográficas de cada lugar; ao aumento da violência, com atração a crimes de prostituição e assaltos; ao contrabando de animais, drogas e armas; ao aumento de desperdício, uma vez que não é o turista quem paga as contas públicas do local; ao aumento do consumo de energia elétrica, devido aos recursos audiovisuais e outros, exercendo, assim, impactos sociais negativos sobre as destinações (SWARBROOKE, 2000, p. 86-87).



Uma combinação entre o turismo de negócios e outras formas de turismo (como, por exemplo, o turismo de lazer) pode apresentar algumas vantagens, como o fato de alguns turistas levarem sua parceira ou parceiro, e este ou esta, com tempo ocioso, ficar livre para agir como turista; algumas conferências serem agregadas a programas sociais, com atividades de lazer, e os turistas de negócios tornarem-se turistas de lazer no término das suas jornadas. Porém, esta última vantagem, quando o turista de negócios torna-se turista de lazer quando acaba sua jornada, ocasiona um outro problema. Segundo Swarbrooke (2000, p. 89), “quando as pessoas trabalham sob pressão, podem tender a ficar um pouco *selvagens* no fim do dia, gerando a demanda sexual dos homens de negócios. Mulheres jovens são forçadas economicamente ou fisicamente à prostituição, podendo também gerar os vírus HIV ou hepatite B”.

O turismo de negócios consegue apresentar algumas vantagens, mas estas se baseiam nos aspectos econômicos: pelo fato de esses turistas exigirem serviços pessoais de alto nível, demandarem serviços ininterruptos no setor hoteleiro, gerando mais empregos e mais renda para a comunidade local, demandando, também, categorias profissionais como floristas, secretárias, fotógrafos, agentes de segurança e outros (relevante salientar que destes profissionais citados são exigidos qualificação e treinamento adequado e, portanto, o turismo de negócios é extremamente **exigente** no quesito que envolve profissionais componentes no núcleo receptivo); uma outra vantagem se vê no índice de sazonalidade menor que o turismo de lazer, lotando os hotéis nos momentos de baixa temporada, inclusive nos dias úteis; há também o fato de esses turistas não pagarem diretamente as contas, ou seja, na maioria das vezes, são ressarcidos pelas empresas ou os débitos vão diretamente para seus escritórios, tendendo a gastarem mais do que os turistas de lazer. Mas esta última vantagem provoca um agravante, pois esses mesmos turistas preferem as lojas e marcas multinacionais, desprezando, de certa forma, os produtos e serviços locais, deixando de contribuir com a comunidade local (SWARBROOKE, 2000, p. 90).

Portanto, ressalta-se que, para o turismo de negócios se tornar um turismo planejado, de forma a proporcionar sua sustentabilidade, concordando com Swarbrooke (2000, p. 90-91), o organismo receptor precisa persuadir os turistas de negócios a usar o transporte local sempre que possível; educá-los sobre os problemas sociais causados pela prostituição e sobre os riscos para a saúde da prática de sexo com prostitutas; e, incentivá-los a aceitar as diferenças culturais locais,

conhecendo e adquirindo produtos dos profissionais locais em detrimento de empresas multinacionais.

Estes incentivos abrangem o setor público, o setor privado e a sociedade, mas há quem diga que o progresso em direção à formas mais sustentáveis de turismo dependa muito mais das atividades da indústria do turismo e das atitudes dos turistas do que de ações de órgãos do setor público. A questão relevante é ater-se aos direitos dos turistas, das empresas de turismo e da sociedade, não esquecendo, também, dos respectivos deveres de cada um. Se as categorias profissionais que envolvem o turismo de negócios necessitam de plena qualificação (enquanto dever), deve-se focar **também** as necessidades destas mesmas categorias: da plena e permanente informação (enquanto direito), seja ela dada pelo setor público ou pelo setor privado e **plena e permanente informação** acerca das questões sociais, ambientais e culturais.

#### *2.4.3 O turismo em Goiânia-GO*

O município de Goiânia (*trade turístico*, governo, sociedade privada e outros) propaga que pretende oferecer o turismo cultural (por não possuir praias ou qualquer outro chamativo natural e pelo fato de a cidade apresentar vários museus, centros culturais, teatros, feiras de artesanato, restaurantes de comida típica, ressaltando os frutos e as riquezas do cerrado). Ao mesmo tempo, propaga que recebe o turismo de negócios, sustentado pelos eventos ocorridos na cidade, precisamente no Centro de Cultura e Convenções. Todos os envolvidos neste segmento local assim afirmam, e isso pode ser comprovado nas falas dos entrevistados.

É útil lembrar, conforme já citado anteriormente, que o turismo cultural abrange patrimônio, memória, identidade, enfim, tudo que envolve a cultura local, não esquecendo da importância da aprendizagem que este patrimônio provoca e da necessidade de planejamento do núcleo receptor.

Assim como em outras cidades, o turismo de negócios traz exigência por parte dos turistas e também uma série de problemas decorrentes deste tipo de turismo, dentre eles a prostituição. Os planejadores devem atentar para essas questões, definindo quais as vocações turísticas do município e, se assim for estabelecido, inserir o turismo de negócios nos planos centrais do

governo, para que possa confirmar se o município está preparado para receber o turismo de negócios de forma pensada e consciente de seus vários problemas principalmente, a prostituição.

A prostituição em Goiânia surgiu com a própria cidade. Na década de 1930, Campinas abrigava as **casas de tolerância**, ou seja, prostíbulos freqüentados tanto pela elite política como por operários. Já na década de 1960, num momento retratado como de crescimento e expansão, Goiânia sofreu várias transformações, dentre elas as casas de prostituição de Campinas, que perderam seus espaços para os motéis construídos nas rodovias, isolando-se das áreas residenciais. A partir de 1962 surgiu a prostituição de rua na cidade, com a inauguração da estação rodoviária de Campinas. No início da década de 1980, mais uma mudança: a prostituição via telefone que se fazia através de anúncios em jornais. Em decorrência de tais mudanças, a prostituição em Goiânia se tornou mais privativa e sigilosa. A partir dos anos 90 surgiu mais um novo tipo de prostituição, proporcionado pelo surgimento das **estâncias**, que são ambientes mais luxuosos, que, segundo Oliveira (2003, p. 52), “freqüentar estes locais indica status social”.

Durante a pesquisa de campo, numa conversa informal, um taxista de Goiânia relatou que havia acontecido uma **convenção de negócios** formada por profissionais de uma empresa de outro estado dentro de uma dessas estâncias. Ele afirmou que a **convenção** aconteceu **ciceroneada** pelas mulheres da casa. Este taxista afirma que em Goiânia isso acontece com freqüência.

Se nas salas de aula os alunos (taxistas) afirmam que em Goiânia o grande destaque está nas mulheres, durante a pesquisa de campo pôde-se constatar não somente a distância em relação ao patrimônio cultural como a presença forte das casas noturnas dentro do turismo de negócios. No momento das entrevistas no aeroporto da cidade, observou-se um fato chamativo: a percepção de que a quase maioria das traseiras dos táxis do aeroporto possui o adesivo de uma **casa noturna**. Ao se questionar o fato, (com o gravador desligado) foi relatado que este adesivo implica uma certa autonomia dentro desse estabelecimento (quando não o tem afixado no veículo, perde-se tempo discutindo com vários profissionais da casa para conseguir autorização de permanência enquanto se espera pelo cliente). Alguns taxistas afirmaram que os usuários e clientes pedem este tipo de local e que se eles não divulgarem, outros vão fazê-lo. O usuário desce no aeroporto e vai logo pedindo para levá-lo nestes famosos locais de Goiânia. Segundo eles, Goiânia tem muita

opção para sexo com prostitutas e passeios noturnos em boates. Os taxistas complementaram afirmando que a cidade está repleta de outdoors divulgando a prostituição.

A área dedicada a lucrar com os prazeres do corpo, como sol, praia e mar, envolve um planejamento turístico diferente do ocorrido com o turismo de negócios (*trade*). O *trade turístico* de Goiânia, formado recentemente, apoiado pelo governo local, composto por um conjunto de empresas que **comercializam** produtos turísticos, parece não demonstrar o intuito de selar um elo de parceria no sentido de planejar e organizar o segmento, uma vez que várias falhas acontecem, dentre elas a falta de informação. Ressalta-se que não somente de **planejamento**, o turismo precisa de constante **replanejamento**, investindo no **feedback**, ou seja, no retorno proporcionado pela experiência dos turistas mediante suas reações (BARRETTO, 2003, p. 81).

Ressalta-se então, que o turismo cultural **pretendido** e o turismo de negócios que já **acontece** no município, têm apoio do Sistema de Capacitação Continuada (embasado na educação patrimonial), que aqui mostra seu destaque e valor, pois promoveria o turismo cultural da mesma forma que trataria do turismo de negócios no sentido de **indiretamente** estar mostrando alternativas para sanar seus problemas. Indiretamente porque a educação patrimonial por si só não resolve os problemas advindos dos vários tipos de turismo, o que, aliás, nem é seu propósito. O poder público deve se encarregar da questão e perceber que a melhoria dos serviços prestados pode não significar melhora na qualidade do destino do turista e por isso **deve envolver** os setores público e privado e a sociedade.

### 3 JUSTIFICATIVA

A proposta em questão parte da necessidade em conhecer o patrimônio local - os bens, os monumentos, os personagens, a história e a abrangência desse patrimônio - enquanto utilizado não apenas como símbolo, mas representando algo e comunicando-se com quem os percebe. Parte-se também da idéia de que o patrimônio pode ser usado para agir, ou seja, a partir do seu conhecimento, abrem-se perspectivas para que possa construir e formar cidadãos, não como se fossem peças anatômicas, mas formando-os através de seus pensamentos, suas linguagens, seus modos de fazer, proporcionando através do **material** e do **imaterial** provocar-lhes percepções de realidade e de visão do mundo.

Partindo do enfoque inicial - o patrimônio - são analisadas as disciplinas âncoras do curso, que são a Antropologia e a Arqueologia, pois são elas que nos proporcionam condições de percorrer a própria pesquisa e, como resultado, intervir na realidade. A Antropologia, por sua força na percepção do **outro** e a Arqueologia, por acreditar que, através da cultura material, é permitido às pessoas o reconhecimento de sua própria identidade cultural, desenvolvendo posturas de percepção e críticas ao que está ao seu redor. O patrimônio abrangente torna-se, então, um instrumento importante para a educação, aqui acreditada e retratada como uma educação transformadora, na qual as pessoas se percebem sujeitos da história, o que desenvolve seu sentimento de pertença, levando à identificação de sua própria identidade.

A educação patrimonial mostra ser uma proposta de intervenção ao patrimônio local. Será a partir do **patrimônio** que os envolvidos terão a cultura como o elemento mais importante para, num processo simultâneo, educar-se, libertar-se, e sentir-se como seres pensantes, fazedores e atuantes.

Enfocados no patrimônio, caminhando com a Antropologia e a Arqueologia, praticando a Educação Patrimonial enquanto objetivo e metodologia de intervenção ao **patrimônio**, propõe-se aqui a criação de um sistema de capacitação continuada para todas as categorias abarcadas no segmento turístico goianiense, pela importância dos envolvidos de cada categoria enquanto seres pensantes e fazedores, por acreditar que a educação acontece em todo lugar e por perceber o

desconhecimento do patrimônio local por parte da primeira categoria envolvida (os condutores de táxis).

A criação do **sistema** proposto pode ser entendida como um conjunto de elementos interligados que formam um todo organizado (CHIAVENATTO, 1999, p. 740). Este sistema parte do engajamento de vários setores, órgãos, entidades e instituições percebedores, mediante a pesquisa e a proposta para a primeira categoria a ser capacitada e qualificada através da educação patrimonial.

A proposta do sistema é abrangente e corajosa, mas a idéia da relação **patrimônio x público** também é abrangente e corajosa, sobretudo porque tem um início forte, pois parte do princípio do conceito de cidadania cultural, que implica reconhecimento dos direitos culturais de diferentes pessoas e grupos que compõem uma sociedade.

Para mensurar seu impacto, deve-se pensá-lo de forma gradativa, ou seja, partindo primeiramente do patrimônio para a educação, caminhando para a educação patrimonial, para depois tomar o rumo do segmento turismo. Para mensurar o impacto totalizante, deve-se pensá-lo na forma de sistema de capacitação continuada às categorias envolvidas, inovando e unindo os temas patrimônio, educação e turismo.

### **3.1 O desconhecimento do patrimônio**

Em se tratando do patrimônio tangível (representado pelos construtos) anteriormente abordado, em campo buscou-se questionar sobre o patrimônio local, pois, para compreender um monumento, é preciso conhecer a história daquele **ali** representado. A pesquisa foi iniciada perguntando-se aos entrevistados sobre a estátua do **Bandeirante**. Indagou-se se o entrevistado conhecia a pessoa – o Bandeirante – e a sua história. Foi perceptível o desconhecimento e a recusa em se falar sobre o assunto. O senhor Paulo, no momento de responder, perguntou: “*Sobre o Bandeirante? Eu sabia, sô. Alguém já me perguntou. Mas eu não me recordo. Eu ia certa vez procurar saber quem era, mas eu esqueci*”.

*Eu sei que foi ele que desbravou Goiás, agora, pelo pouco que eu sei da história, acho que ele não merecia um monumento aqui em Goiânia. Porque o que ele fez foi enganar os índios, enganar as pessoas da época, em troca do ouro... (senhor Israel).*

A fala do senhor Israel parece uma visão crítica ao Bandeirante, já demonstrando a abertura proposta a cada indivíduo de se perceber como detentor da liberdade em se criar pontos de vistas e críticas próprias.

Um outro entrevistado, o senhor Florentino, não sabe informar a respeito, justificando que isso não é de seu tempo: *“Eu não tenho conhecimento disso, não”*. O senhor Leomar afirmou que quando as pessoas perguntam quem foi o Bandeirante ele assim responde: *“Foi o desbravador de São Paulo que veio pra Goiânia e pro Centro-Oeste”*. Este entrevistado, quando indagado sobre o que guarda na mente sobre Goiânia, referiu-se à infância, quando andava de bicicleta pela cidade e passava perto do monumento ao Bandeirante. Sua memória é da localização e não da importância dada ao monumento.

Para o senhor Márcio, o Bandeirante foi quem abriu tudo, mas também levou tudo: *“O Bandeirante veio com o progresso, mas veio com destruição também. Ele não merece o monumento”*. Este entrevistado também no momento de buscar o que tem guardado na memória sobre Goiânia, coloca que, quando pensa em Goiânia, a primeira imagem que vem a sua mente é a Praça do Bandeirante. Ele tem resguardado a Praça como ponto-chave da cidade, mas deixa claro no final de sua narração: *“Não tem ligação comigo, é somente uma marca...”* Na entrevista, ocorreram respostas desafiadoras como a do senhor Geraldo: *“Se um turista perguntar? Eu falo que é o Bandeirante! E, Só”*.

Outros entrevistados também responderam da mesma forma. Uma resposta expondo total desprezo pela história e pelo monumento é percebida na fala do senhor Issamu, taxista do aeroporto, que argumenta que não é necessário conhecê-lo, pois sequer passa pela Praça do Bandeirante: *“A gente passa mais é na Avenida Independência, na T-63, só por fora. A gente não passa no Centro. Levo os clientes pros hotéis do Setor Oeste, entendeu?”* Para este entrevistado, não existe a possibilidade de alguém questioná-lo. Se não existe tal possibilidade, para ele, então, não existe propósito em conhecer tal figura. Sobre o Bandeirante, percebe-se desconhecimento,

aversão, e contradição. O senhor Valdivino afirmou: *“Me parece que ele é um dos fundadores de Goiânia”*. Torna-se necessário neste momento esclarecer que o Bandeirante não ajudou diretamente a fundar a cidade de Goiânia.

Também buscou-se enfatizar a história local, com a pergunta: você conhece a história de Goiânia? Foram obtidas várias respostas, mas a mais frequente foi a de que não sabem discorrer sobre ela. O senhor Rubens respondeu que sabe e informa da seguinte maneira: *“Eu conto a história de Goiânia porque tem 30 anos que eu resido aqui, então eu posso dizer pra quem não conhece, que eu conheço Goiânia. Sei dizer como ela começou... antigamente aqui não tinha a Metrobus, o Flamboyant, o Alphaville, o Aldeia do Vale, a Unilever, a Mabel, então ela cresceu muito”*. Essa é a história de Goiânia na opinião do entrevistado. Para ele, narrar a história da cidade é explanar sobre o desenvolvimento vinculado às indústrias e aos condomínios residenciais horizontais.

O senhor Geraldo afirma não conhecer, pois era muito pequeno na época: *“Não tem jeito de saber a história, né”*. A mesma resposta foi dada pelo senhor Valdivino: *“Eu vim pra cá com 25 anos de idade. Então, eu não presenciei o começo”*. O senhor Edimísio se justifica: *“Tem só 15 anos que tô aqui, quem conhece mesmo é só quem nasceu aqui”*. O senhor Eduardo pondera que a história da cidade a gente aprende na 4ª. série do primário: *“Nessa fase aí, eu tava em outra cidade. Então, de Goiânia quase não sei nada”*. Para os entrevistados, só sabe a história de uma cidade quem presencia seu início. A busca de informações não acontece e não existe também nenhuma forma de atuação que faça chegar as informações a estes profissionais.

Quanto à história da capital, ficou evidente a falta de conhecimento por parte destes que poderiam retratá-la a si mesmos e aos usuários de táxis. Não se fala da história de um local com distanciamento da gestão, da economia, da história e da política. Portanto, tentar se afastar destes temas seria o próprio afastamento de si mesmo e do setor turístico. A história de Goiás envolve a figura do Bandeirante assim como a história de Goiânia envolve a figura de Pedro Ludovico Teixeira. Os taxistas precisam conhecer a história, para assim formarem opiniões e pelo menos saberem explicar quem são os **retratados** ou **homenageados** dentro da cidade. Não se busca a



exaltação dos retratados nos monumentos, mas sim informação suficiente para que possam tirar e formar suas próprias conclusões e críticas.

Perguntou-se também aos entrevistados se em Goiânia existem museus; se existem, onde estão localizados e, se os conhecem, qual o conceito que lhes atribuem. Os entrevistados mal ouviam e já devolviam a pergunta: “*Museus*”? Se sabem ou não onde ficam, tentam demonstrar que sabem:

*Tem um na Praça Cívica, né? É... alguma coisa Artiaga, num sei... tem outro ali perto da Praça Cívica, é... num sei o que lá... do Seu Pedro Ludovico, né? É... tem outro em Campinas... na avenida Pará. Tem um lá na Universidade Católica, perto do Parque Ateneu... (senhor Dito)*

O senhor Florentino não se intimida em responder: “*Não conheço os museus, não. E não sei onde ficam*”. O senhor Cabral, ao tentar se justificar por não frequentar os museus, demonstra sua confusão entre museus e teatros:

*Na verdade, eu acho que museu... não tenho vontade não... aqueles artistas que eu vejo na televisão eu acho muito sem graça... eu vejo eles falando na televisão antes de ir pro museu, então, não me agrada muito, não.*

O senhor Valdivino explica o porquê da visita a um museu: “*Já levei meus filhos nesses lugares, mas quando eles eram mais novos. É muito importante. É rever a história, as coisas mais antigas. O que Goiânia já teve, tá lá no museu*”.

O museu mais citado no decorrer das entrevistas foi o Museu Pedro Ludovico, com 63% de citações. Foi o mais citado, mas visitado por apenas 15% dos entrevistados. O museu mais visitado é o Memorial do Cerrado, com 31% (veja Quadros 4 e 5, que apresentam maiores detalhes).

Quadro 4 – Museus mais citados pelos entrevistados

<b>Pedro Ludovico</b>	<b>63%</b>
Fundação Museu de Ornitologia	47%
Memorial do Cerrado	36%
Museu de Artes de Goiânia - MAG	31%
Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga	21%
Museu ao Ar Livre	21%
Museu de Arte Contemporânea do Estado - MAC	10%

Quadro 5 – Museus mais visitados pelos entrevistados

<b>Memorial do Cerrado</b>	<b>31%</b>
Museu Pedro Ludovico	15%
Fundação Museu de Ornitologia	15%
Museu de Artes de Goiânia - MAG	10%
Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga	5%
Museu de Arte Contemporânea do Estado - MAC	5%
Museu ao Ar Livre	5%

Todos os taxistas entrevistados que atuam no Castros Hotel sabem onde fica o Memorial do Cerrado e a maioria o conhece. Todos o citam como importante e até o indicam como atrativo. Neste hotel, existe um roteiro turístico já pronto, confeccionado pelo próprio hotel, no qual o Memorial do Cerrado compõe o corpo dos atrativos de Goiânia. Esta é a explicação do motivo do conhecimento e da visitação destes condutores de táxis, pois todos os hóspedes são levados por estes profissionais até o Memorial do Cerrado. Veja-se o conceito de um dos taxistas do Castros Hotel, o senhor Leomar:

*O sistema da UCG, que tem o projeto do Cerrado, traz um turismo muito bom. O cliente hoje já tem uma opção muito grande... você passa duas horas com o cliente lá, você acaba filmando, fazendo a reportagem pro cliente, depois tira fotos. É bom pro turismo e até pra quem está estudando... inclusive até pros princípios de infância: as criancinhas vão conhecer e vão gostar.*

O senhor Leomar conheceu este museu talvez até por **ser obrigado**. Mas aprendeu a admirá-lo. Portanto, a distância desta categoria em relação aos museus pode ser diminuída. É oportuno chamar atenção para o papel dos roteiros turísticos, salientando sua importância e viabilização de valor agregado à educação patrimonial. A proximidade desse museu aos profissionais do Castros Hotel comprova a importância da política turística em fomentar os roteiros. Basta para tanto que se faça algo por esta categoria, que requer atenção constante, por pertencer a uma sociedade, a uma cidade, a um segmento.

Mas o propósito em perceber o afastamento a tudo que se liga a história, arte e lazer não se encerra aqui. Após o questionamento sobre os museus, foi feita uma abordagem sobre os centros culturais e os teatros de Goiânia. O intuito continua em descobrir se os entrevistados conhecem, se sabem onde ficam e se conseguem formar alguma opinião. As respostas obtidas demonstram desconhecimento, que é justificado pela falta de tempo, descartando, assim, oportunidades de conhecê-los.

Para com o senhor Israel, existe um total afastamento, pois sua resposta foi: “*Centros culturais? Poucas vezes eu levei alguém ou fui. A opinião da gente que tá de fora, que não conhece... que vive fora dessa vida social, dessas coisa... é difícil*”. O entrevistado deixa claro em sua fala a dificuldade que tem em obter acesso a estes locais. Ele se vê **fora dessa vida social**, ou seja, para ele, esses **desconhecidos** estão longe de sua realidade. Mesmo para aqueles que sabem onde estão os teatros e os centros culturais existe também o distanciamento, percebido em várias falas, como a do senhor Cássio: “*Nunca fui, não. Só vejo eles lá*”. Teixeira Coelho (2004, p. 35-36) afirma que “acesso cultural é a comunicação com uma unidade ou modo de produção, distribuição ou troca de produtos culturais, como bibliotecas, salas exibidoras, salas de espetáculos, estúdios de gravação etc”. O **acesso**, para este autor, é condição material prévia que possibilita a produção e o consumo de produtos culturais. Mas sabe-se que não é somente a falta de condições materiais; o ser humano precisa deter algo mais para obter esse **acesso cultural**, como herança cultural, gradativo sentimento e/ou afinidade.

Para este consumo cultural, o senhor Florentino também se vê distante, talvez até pela falta de informação, pois, quando abordado sobre os teatros, respondeu: “*Tem o Teatro Goiânia, que é o*

*mais conhecido, tem aquele outro... o... o Pixinguinha, que também é conhecido*". A título de esclarecimento: é importante ressaltar que não é de conhecimento a existência de teatro ou centro cultural com o nome **Pixinguinha** em Goiânia. Não somente o desconhecimento, a distância destes profissionais em relação aos locais que oferecem diversão, entretenimento, arte e outros, existe também a rejeição assim expressa por alguns, como o senhor Valdeci: *"Eu não vou nesses locais, não. Nem no Serra Dourada eu vou!"* Quando o entrevistado diz: *nem no Serra Dourada eu vou*, passa a idéia de que este local, para ele, seria uma prioridade como forma de lazer. Parece claro que este entrevistado, no momento de optar por alguma forma de buscar algo diferente da sua vida cotidiana, com certeza não procuraria por teatros.

Em outros momentos, pôde-se perceber também fatos interessantes como os depoimentos dos senhores Eduardo e Adalberto:

Eduardo - *"Deram uma reformada boa no Teatro Inacabado. Eu entrei lá porque ele fica perto de onde a gente arruma os carros. Ele foi reformado, ficou bom. A gente não tem tempo. Na hora das peças e shows, a gente tá trabalhando"*. Esta explicação deve ser vista com atenção, pois o entrevistado, por estar com tempo ocioso, esperando pelo conserto do carro, aproveitou para fazer uma visita ao Teatro Inacabado.

Adalberto - *"No final de semana, pra quem não tem nada pra fazer... pode ir passear com a família e passar o tempo, sentar, fazer uma leitura nesses locais. Toda arte é bem-vinda em toda fase da vida"*. A sugestão dada de se fazer leituras nestes locais é extremamente bem-vinda.

O resultado das entrevistas apontou que o teatro mais citado e mais visitado é o Teatro Goiânia, com 89% de citações e 42% de visitas (veja Quadros 6 e 7). Isto talvez se deva ao fato de tratar-se de uma obra antiga, realizada no momento da construção de Goiânia, na década de 1930. A festa realizada durante o Batismo Cultural, em 05 de julho de 1942, ocorreu neste local e, por longos anos, foi a única opção de teatro na cidade. O centro cultural mais citado e mais visitado é o Centro de Cultura e Convenções, com 42% de citações e 36% de visitas (veja Quadros 8 e 9). Trata-se de uma obra grandiosa, localizada no centro de Goiânia, sendo referência por sediar

peças teatrais, apresentações musicais, congressos, convenções, simpósios, feiras, encontros, fóruns, enfim, é uma estrutura que abriga os grandes eventos da cidade.

Quadro 6 - Teatros mais citados pelos entrevistados

<b>Teatro Goiânia</b>	<b>89%</b>
Teatro Rio Vermelho	68%
Martim Cererê	26%
Teatro Inacabado	21%

Quadro 7 – Teatros mais visitados pelos entrevistados

<b>Teatro Goiânia</b>	<b>42%</b>
Teatro Rio Vermelho	36%
Teatro Inacabado	10%
Martim Cererê	5%

Quadro 8 – Centros Culturais mais citados pelos entrevistados

<b>Centro de Cultura e Convenções</b>	<b>42%</b>
Centro Cultural da Praça Cívica	5%

Quadro 9 – Centros Culturais mais visitados pelos entrevistados

<b>Centro de Cultura e Convenções</b>	<b>36%</b>
Centro Cultural da Praça Cívica	5%

O distanciamento em relação aos museus, aos centros culturais e aos teatros já era esperado, uma vez que os pesquisados já haviam apontado desconhecimento da própria história da cidade. A maioria dos entrevistados não sabe da localização, muito menos do motivo que pode levar alguém até estes locais. Estimular na mente e no coração de cada um a vontade em conhecê-los pode não ser difícil, mas não se pode incitar suas vontades e seus anseios de forma desrespeitosa. É fato que só se aprende a gostar do que se conhece. Se estes locais podem ser situados nas mentes, se pode-se vê-los, tocá-los, com certeza, ter-se-á uma oportunidade maior de se aprender a gostar e admirar.

As citações abordando os museus demonstram que estes profissionais não os conhecem e justificam o fato pela falta de tempo, mas, ao mesmo tempo, alguns os percebem como atrativos turísticos para Goiânia. Os que assim os percebem foram questionados sobre aonde vão em seus momentos de descanso e lazer. O que esses profissionais fazem quando não estão atuando, pois geralmente são nos momentos de descanso e lazer que se buscam vários tipos de escolhas, incluindo a visita a museus, centros culturais e teatros. A grande maioria dos entrevistados respondeu que, pelo fato de trabalhar todos os dias, nos momentos de descanso somente dorme para recuperar as forças sugadas pelo trabalho ou visita algum parente, buscando uma maior proximidade com a família. Outros optam por momentos de lazer em clubes, bosques, pescarias e viagens pelo interior do Estado. Alguns dos entrevistados vão, aos finais de semana, para chácaras ou sítios nas redondezas da cidade, talvez retornando assim, a suas origens rurais. O senhor Issamu se justifica: *“Goiânia é muito agitada, uma sangria danada, agora lá não, lá é tranqüilo...”* Da mesma forma, o senhor Eduardo: *“Nos meus momentos de lazer é difícil eu ficar aqui em Goiânia”*.

Somente um entrevistado afirmou que pratica alguma visita a teatro, e nenhum dos entrevistados afirmou visitar museus nos momentos de lazer. Eles percebem os museus apenas como atrativos enquanto estão na condição de mostrá-los para os turistas e visitantes. As visitas a teatros, museus, centros culturais, e outros parecem não ser tradicionais como opção de lazer para este grupo pesquisado. Tudo isso reafirma o que ocorre em sala de aula, nos cursos de capacitação, onde estes profissionais argumentam que em Goiânia o grande diferencial se vê nas **mulheres**. Para eles, é a cidade com maior quantidade em beleza física. A fala do senhor Leomar aponta bem esta questão: *“Os turistas sempre comentam que Goiânia tem muita mulher bonita. Eles dizem que, se existe paraíso, o paraíso é aqui. As pessoas de outras cidades ficam encantadas com essa beleza toda. Eles pedem pra conhecer essas mulheres...”* O senhor Israel também assim declara: *“Goiânia é a cidade que tem as mulheres mais bonitas do Brasil... eles falam isso!...”* Quando o entrevistado menciona **eles**, está se referindo aos turistas. A busca por atrativos sexuais, como já mencionado, se faz presente no turismo de negócios. E, segundo informações dos próprios taxistas, enquanto os restaurantes, hotéis, teatros e outros locais quase não oferecem cortesias, brindes, enfim, não são parceiros em nenhum momento, algumas casas noturnas que oferecem atrativos sexuais lhes dão comissões por cada turista ou visitante ali

levado. Essa condição aparece como mais um distanciador do público em relação ao patrimônio cultural local.

Depois de abordar, na pesquisa, questões sobre o patrimônio **tangível**, acreditou-se ser oportuno questionar sobre o patrimônio **intangível**, buscando ressaltar a gastronomia local. A gastronomia também é **trabalhada** pelos propagadores do turismo cultural de Goiânia, mas, até mesmo no momento de responder sobre a comida típica e os frutos do cerrado, foi perceptível a falta de conhecimento quando indagados se são apreciadores da culinária típica local, se sabem os nomes e onde estão localizados os restaurantes típicos.

De acordo com DaMatta, (1984, p. 55), a comida, com suas possibilidades simbólicas, permite realizar uma importante mediação não somente entre a cabeça e a barriga, como entre o corpo e a alma, permitindo operar simultaneamente com uma série de códigos culturais que normalmente estão separados. Em outras palavras, o alimento é como uma grande moldura e a comida é o quadro, aquilo que foi valorizado e escolhido dentre os alimentos; aquilo que deve ser visto e saboreado com os olhos e depois com a boca, o nariz, a boa companhia e, finalmente, a barriga. “A comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, uma classe ou uma pessoa”.

Mais uma vez, acredita-se aqui na busca incessante da **identidade**, pois é fato que “a comida e os alimentos formam um código complexo, que nos permite compreender como é que tal sociedade se funde enquanto tal” (DAMATTA, 1984, p. 57). E o que responderam os entrevistados? Afirmaram que gostam e que é importante divulgar e levar o turista até os locais que oferecem a comida típica local. Sobre os locais, citaram os restaurantes mais próximos do tema, mas fizeram algumas citações incorretas, mais uma vez por falta de informação. Citaram restaurantes de comida internacional, comida baiana e comida gaúcha como sendo típicas de Goiás. Portanto, a definição e as opções de comida típica goiana necessitam de melhor esclarecimento e, ao mesmo tempo de melhor divulgação. Quanto aos pratos, citaram com preponderância o arroz com pequi. Secundariamente, o peixe na telha, a galinhada e a guariroba. Sobre os frutos do cerrado, a maioria discorreu que só conhece o pequi. Sabe-se que o cerrado oferece uma variedade de frutos, sendo aproveitado um número superior a 40 espécies diferentes como alimento. Mais uma

vez, a maioria desconhece, e essa mesma maioria aponta como algo importante: “*Os frutos do cerrado é uma coisa nossa mesmo. Devia ser mais explorado, é a nossa terra, é o nosso jeito, é a nossa comida, o nosso cerrado, o tipo da culinária, o tipo das pessoas, o que tem de bom aqui*” (senhor Israel).

“*A comida daqui é muito boa. O prato típico daqui é o pequi, e é muito bom. A gente deve divulgar isso, porque faz parte do turismo. Já que o turismo daqui é cultural, temos que apresentar o cerrado*” (senhor Edílson).

A gastronomia não somente é um tema vinculado ao turismo, como denota ser referência cultural, pois explica como e onde determinado prato é feito. O fato é que o **comer** forma um complexo de símbolos, seja através do gustativo, do visual, do odor ou do digestivo. A comida típica se faz presente não somente nos restaurantes, mas, inclusive, nos momentos de recepção de autoridades, visitantes ou até mesmo de amigos distantes. Quando se oferece um prato típico, está-se dizendo como é aquele local, fotografado e com as cores da cultura ali exposta.

Continuando na busca que envolve turismo e patrimônio, procurou-se saber se existe diferença entre mostrar a cidade a um parente ou amigo e mostrar a cidade a um turista. As opções de passeio em Goiânia se mostrariam diferentes? Buscou-se a resposta na pesquisa fazendo as perguntas separadamente. Primeiro perguntava-se o que o entrevistado mostraria a um parente e só após seu discurso perguntava-se: e o turista? Onde o senhor o levaria? As respostas apontaram que existe certa alteração de seus papéis como orientadores, com referência aos locais sugeridos para visitação. A maioria, no momento de mostrar a cidade a um parente ou amigo, opta, de forma geral, pelas obras grandiosas, os bosques, os hotéis, os *shopping centers*, as faculdades, as boates, os hotéis, e a estação rodoviária. A diferença é que, quando se refere ao turista, eles optam em mostrar a Praça Cívica, os restaurantes, os grandes hospitais e a vista panorâmica da cidade. Eles estariam entre as opções citadas, mostrando o conjunto arquitet nico de Goiânia, mas de forma não percebida por eles.



*Pro turista? Chegaram aqui umas mulheres que queriam conhecer a avenida das flores. Elas queriam ver só flor mesmo. Flor plantada na cidade. Peguei e levei passando pela Praça do Trabalhador... subi a Avenida Goiás mostrando o centro da cidade, até a Praça Cívica".* A postura do senhor Cabral foi a de mostrar as flores, mas elas têm ao fundo o patrimônio, talvez ainda não percebido por ele.

Esta foi a busca pela percepção de **patrimônio**, aceitando-o como tudo aquilo que tem valor simbólico para determinada pessoa ou grupo que busca uma identidade, pois a afirmação da identidade pode ocorrer de diversas maneiras e **coisas**, como comidas, festas, religiosidade, patrimônio etc. Portanto, esta é a explicação do porquê da investigação.

Em se tratando de identidade, menciona-se, ao mesmo tempo, cultura e tradição. Mediante tais discursos, reafirma-se aqui Geertz (1989, p. 7) para quem o mais importante deduzir é que cultura não se explica, se compreende, adotando uma postura de observar mais e interpretar menos. Tradição é aquilo que é transmitido e de forma dinâmica, pois a tradição também o é. Reafirma-se aqui também Bourdieu (2003, p. 19), que afirma que é com emoções que a sociedade é construída - e o verdadeiro ímã do turismo é a curiosidade histórica e artística.

Em Goiânia, todos esses temas parecem ser novos. Pois, de modo geral, o desrespeito às tradições históricas em nome do progresso foi a tônica determinante de sua história, principalmente nas décadas de 1960 a 1980. Muitos monumentos históricos foram destruídos ou tiveram modificadas as suas funções. “No final dos anos 60, o Obelisco, marco inicial da cidade, no centro da Praça Cívica, foi substituído pelo Monumento às Três Raças, construído em 1967; no início dos anos 70, o famoso Coreto da mesma praça tornou-se uma floricultura e sede dos escoteiros; em 1975, o Mercado Central foi destruído para a construção de um prédio moderno - o Parthenon Center, na rua 04, setor Central” (OLIVEIRA, 2003, p. 50). A preocupação em defender as tradições históricas não era vista, até os anos 80, como uma agenda política importante. Assim, a defesa desses monumentos era feita por alguns poucos intelectuais entusiastas do passado.

Nos anos 90, a preservação dos monumentos históricos, assim como a questão ambiental, não podiam continuar sendo tratadas com indiferença por qualquer pessoa com ambições políticas. Em 1998, foi inaugurada a

primeira etapa do projeto de revalorização do centro histórico da cidade e a Praça Cívica retomou sua aparência dos anos 50, com as fontes luminosas e com seus prédios, que recuperaram o estilo original. O crescimento desordenado de Goiânia trouxe um sentimento de pessimismo em relação ao futuro, então, trazer o passado de volta, mostrou ser a melhor opção (OLIVEIRA, 2003, p. 51).

Se cultura, tradição e identidade são temas novos em Goiânia, e se de todos os entrevistados, somente um afirmou visitar museus, pode-se afirmar, com base nisso, que não existe amor à arte em Goiânia? Afrânio Mendes Catani, em sua apresentação de Bourdieu (2003, p. 9) em *O amor pela arte*, afirma que este autor pondera que os museus guardam tesouros artísticos, mas estes estão abertos a todos e interditados à maioria dos seres humanos. Ele pergunta: “indivíduos pertencentes a qualquer classe social e com distintos graus de escolaridade freqüentam museus, certo?” Ele mesmo se encarrega de responder: “bem, em termos: para viver a plenitude desse amor, livre de condicionamentos e limitações, é necessário que os amantes possuam algumas disposições, adquiridas lentamente, envolvendo dedicação, afincamento e o cumprimento de obrigações”. Para Bourdieu, esse amor é uma graça ou um mimo que surge naturalmente. O mundo da arte se opõe ao mundo da vida cotidiana, no qual a intocabilidade dos objetos, o rígido silêncio imposto aos visitantes impõem distanciamento pela maioria dos museus, afastando o momento de identificação com o espaço, com a obra de arte.

A pesquisa de campo efetuada e aqui retratada aponta que existe um distanciamento entre a arte e o indivíduo. Mas, torna-se relevante também (pelos depoimentos dos entrevistados do Castros Hotel, onde o Memorial do Cerrado faz parte do roteiro turístico da cidade - elaborado pelo próprio hotel), o sentimento adquirido por eles no momento de visitação, conforme já apresentado. Os profissionais aqui pesquisados e citados tornam-se, a cada depoimento, mais preciosos como componentes da sociedade, como profissionais do turismo e, principalmente, como propagadores e zeladores do patrimônio. Se, nas aberturas e intervalos dos congressos aqui ocorridos, assim como na mídia, os organizadores apresentam clips, folders, monumentos, musicais e outros itens que ressaltam **as belezas locais**, com demonstrações das praças floridas, dos monumentos, da gastronomia, dos parques de Goiânia e outros, porque não divulgá-los também aos taxistas? Que turismo é esse se, pela pesquisa de campo, nota-se que os entrevistados não conhecem e sequer percebem a história da cidade?

Mais uma vez concordando com Paulo Freire para quem não há educação sem esperança, é que se propõe aqui uma educação que possibilite aos educandos não somente receber informações, como conhecer os locais de destaque que envolvem o turismo cultural, bem como os problemas provocados pelo turismo de negócios.

Para os **anfitriões** (setores público e privado) que trabalham a cultura e o patrimônio como atrativos, é relevante salientar que todos devem ajudar a recuperar a memória e a identidade locais, o que, na atualidade, constitui um imperativo para manter um equilíbrio saudável entre a manutenção da cultura local e a incorporação dos avanços positivos da cultura global. Se os setores público e privado procuram incrementar o turismo cultural em Goiânia, ressaltando seus museus, centros culturais e teatros, sua comida típica, feiras de artesanato, os frutos do cerrado e outros, devem proporcionar às categorias envolvidas formas de conhecimento e acesso a esses elementos.

É notável, então, a necessidade de inclusão da educação patrimonial para o desenvolvimento de ações educativas apoiadas nos propósitos de informação e de divulgação provocando a proximidade do público com o patrimônio. O projeto aqui proposto terá, entre suas várias finalidades, a tentativa de resgatar a memória e a identidade para a comunidade local. A informação, a divulgação e o contato com os bens patrimoniais **materiais** e **imateriais** de Goiânia proporcionarão a produção de uma imagem que retrate o **patrimônio local**, promovendo uma **transferência** do público para os locais citados na pesquisa, dando-lhes a possibilidade de conhecê-los e, assim, percebê-los, tendo ainda o objetivo de ser crucial para os habitantes diretamente abrangidos, para que possam, com o aprendizado, exercitar a sua cidadania, que, aliás, é uma expressão que deve ser consagrada e juramentada com as finalidades da ação educativa aqui proposta.

Esta ação educativa foi solicitada durante a pesquisa, de forma simples e compacta. Esta categoria reconhece que faltam informações e pedem cursos, livros e apostilas. O senhor Wilson sugere:

*Seria bom se sáisse uma cartilha ou um livro pra nos doar, especialmente para o taxista, pra quando o turista chegar, a gente saber*

*falar. A gente precisa também de roteiro turístico, pra gente memorizar, pra quando o turista chegar a gente saber explicar. O taxista ele é muito interrogado, quando o turista chega ele vai direto no taxista. O taxista tanto deve saber dos lugares quanto das pessoas importantes que já existiram e ainda existem dentro da nossa cidade.*

*A nossa categoria não é valorizada, devia ter um empenho maior do governo estadual e do municipal, oferecendo cursos para os taxistas, pra melhorar o atendimento, valorizando o serviço que a gente faz, porque na minha opinião, 80% das pessoas que usam táxi aqui em Goiânia, são de fora, e acaba sendo os taxistas que vai informar e falar de Goiânia pra essas pessoas. E se pegar uma pessoa despreparada? Se os taxistas não estiverem preparados e informados, vai ser prejudicial pro turismo goiano (senhor Israel).*

De acordo com resposta ao questionamento oficial feito junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, de Goiânia, não existem registros de previsões de projetos voltados à educação patrimonial em Goiânia. O único projeto desenvolvido por este órgão voltado ao público goianiense foi o “Programa Prazer em Conhecer, Compromisso de Preservar” - IPHAN / SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO; curso Patrimônio Cultural e Educação, cujo público-alvo foram os professores do ensino fundamental e profissionais de museus, que teve como entidades envolvidas IPHAN, SME, MUSEU ANTROPOLÓGICO/UFG, ITS e IGPA/UCG. A ação educativa solicitada pelos entrevistados e a carência de projetos na área de educação patrimonial retratam a importância da educação em seus vários aspectos, inclusive em forma de capacitação a ser abordada e logo proposta.

### **3.2 Educação em turismo**

Para tratar deste tema, o foco será a Coleção de Treinamento e Educação em Turismo, da Organização Mundial de Turismo, um trabalho de Cooper, conferencista-sênior em Turismo, PhD em Geografia de Turismo, experiente em cursos de planejamento, lazer e turismo em nível superior, autor de vários projetos na área; Shepherd, também conferencista em Turismo, e Westlake, conferencista em Turismo, diretor de educação contínua, atuante como consultor em treinamento em diversos países.

A educação em turismo tem tido um crescimento significativo nos últimos 50 anos, porém, como a indústria do turismo, muito fragmentada. Cooper; Shepherd; Westlake (2001, p. 27 Apud: Airey

1988) argumentam que “(...) pode-se definir a concepção de educação em turismo de várias maneiras”: remonta dos anos 1900, quando os cursos de treinamento para *chefs* e garçons foram desenvolvidos e introduzidos; à década de 1950, quando se desenvolveu o treinamento para agentes de viagem e funcionários de agências de turismo, e à metade dos anos 60, quando começaram a emergir os cursos de Hotelaria.

A educação em turismo é, portanto, uma área relativamente jovem, surgida de alguns cursos de treinamento, não sendo ainda bem estabelecida como uma área para estudos acadêmicos, pois falta-lhe a história e a evolução de alguns de seus campos de estudo, que devem ficar mais maduros. Essa área pode se deparar com outros problemas relacionados: provavelmente, pode-se identificar, numa visão geral (e preconceituosa), que o lazer, como área de estudo, seja algo *leve*. Quando se afirma que se leciona turismo, as pessoas podem perguntar qual seria o melhor lugar para passar férias ou como está o tempo na Flórida. O desenvolvimento da educação, bem como do treinamento em turismo, enfrenta uma outra séria barreira para o seu desenvolvimento: a indústria é dominada por pequenos negócios conduzidos por empresários e autônomos que não possuem treinamento formal em turismo e que não reconhecem a necessidade de apoiar os cursos de turismo e aumentar o profissionalismo geral da indústria.

### *3.2.1 Treinamento em turismo*

Para Cooper; Shepherd; Westlake (2001, p. 173), a *educação* deve fornecer ao aluno um conjunto de ferramentas para interpretação, avaliação e análise de um novo conhecimento ao desenvolver suas capacidades críticas. A *Educação para o turismo* olha além de um setor individual e tenta oferecer mais uma perspectiva geral do que a abordagem específica de um setor. O conceito-chave é a provisão de transferência de habilidades básicas, tais como habilidades analítica, de comunicação escrita e verbal e de liderança, que deveriam ser desenvolvidas pela educação e aplicada, pelo indivíduo, em diferentes contextos.

Já o *treinamento*, por outro lado, é uma atividade muito mais específica, que se concentra na aplicação detalhada, em nível mais baixo, freqüentemente de habilidades práticas. O treinamento em geral é específico de um setor e procura equipar o profissional com habilidades definidas e claras, serviços ou habilidades de contato com o cliente.

Entretanto, na prática, *treinamento e educação em turismo* são profundamente interligados: mesmo em nível educacional, o treinamento em habilidades práticas é visto como essencial para a indústria (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 174). Treinamento e educação deveriam ser paralelos e complementares e, em pontos diferentes de uma carreira, é muito comum e quase certo que um predomine sobre o outro. O problema é que, freqüentemente, na indústria do turismo, os caminhos são difíceis de trilhar, turvando o modo pelo qual o treinamento e a educação deveriam ser vistos pelo seu alto grau de importância, como funções essenciais de recursos humanos dentro da indústria do turismo. Isso ocorre em virtude de vários fatores, tais como ser uma indústria dominada por um pequeno número de negócios pequenos e operadores individuais, sendo que a maioria dos empregadores pequenos e médios (e até algumas grandes empresas) vê o treinamento e a educação como custo e não como investimento.

Claramente o treinamento e a educação não são prioridades para a indústria do turismo como um todo. Mas, num futuro próximo, de acordo com Cooper; Shepherd; Westlake (2001, p. 180), os educadores terão um papel importante quando os desafios enfrentados pela indústria do turismo só terão sucesso se houver profissionais capacitados, lúcidos, cheios de energia e que entendam de várias questões, como as preocupações com o meio ambiente, o social e a demanda de consumidores exigentes. É preciso considerar mudanças no comportamento dos consumidores à medida que os turistas se tornam mais experientes e exigentes.

Existe uma tendência crescente, em muitos países europeus e também nos Estados Unidos, em aplicar  **cursos de educação contínua**. Educação contínua refere-se a cursos oferecidos como parte da atualização profissional programada para pessoas que já sejam atuantes no mercado e cujo número vem aumentando. O treinamento nas empresas pode também ser visto como um tipo de atividade de educação contínua, afinal tem como meta reforçar o conhecimento dos empregados e assisti-los de forma a conseguir maior eficiência em seus cargos. É importante também ressaltar que a maioria dos programas dos cursos de treinamento é bem estruturada e benéfica aos profissionais (id, 2001, p. 143-144).

### *3.2.2 Vantagens da educação e do treinamento em turismo*

Para Cooper; Shepherd; Westlake (2001), os benefícios são bastante diretos: os objetivos dos cursos são claros, bem-definidos e normalmente fáceis de medir. Como resultado, o currículo é também específico e predeterminado. Além disso, os alunos são, provavelmente, indivíduos comprometidos com o mercado de trabalho da própria indústria e conscientes dos benefícios do treinamento.

O treinamento proporciona habilidades e conhecimentos que aumentam a performance e a produtividade do pessoal na indústria turística, mas seus benefícios não são somente os relacionados à indústria e a seu pessoal. Um profissional em turismo bem treinado produzirá um resultado melhor e maior produtividade para as empresas, bem como para a sua própria cidade e país, beneficiando visitantes e residentes, fazendo com que os visitantes retornem, reforçando o círculo. O turismo cresce seguindo este círculo, ou seja, segmento – categorias – cadeia.

Cooper; Shepherd; Westlake (2001, p. 185) prevêem, para um futuro próximo, a necessidade de visão, comprometimento e respeito mútuo na indústria e na educação. Se a educação e o treinamento em turismo englobam uma indústria promissora, na qual o desenvolvimento dos recursos humanos é reconhecido, então, parcerias mais fortes e melhor comunicação e qualidade para a educação em turismo e o treinamento são requeridos. O desenvolvimento da qualidade do turismo, da educação e do treinamento em turismo satisfaz um largo espectro de consumidores: aprendizes, empregadores, governos, sociedade e consumidores do turismo, visto que o turismo virá a ser um setor responsável e maduro.

### **3.3 O Turismo e o transporte (justificativa do curso voltado à primeira categoria – transporte - condutores de táxis)**

É possível reconhecer que o uso mais freqüente de transporte não está no turismo de lazer, mas no turismo de negócios (SWARBROOKE, 2000, p. 1-2). Mediante tal realidade, o que pode diminuir a pressão do turismo sobre o meio ambiente se vê no uso dos próprios veículos de uma mesma cidade. Para a Tourism Society (1990), “nenhuma análise das relações entre o turismo e o meio ambiente pode ignorar o transporte. O turismo é inconcebível sem ele (...)” (Apud: SWARBROOKE, 2000, p. 4).

Todo tipo de turismo requer transporte de um modo ou de outro. Em Goiânia, não é oferecido ainda o serviço receptivo de operadoras no aeroporto e na estação rodoviária, através de vans ou microônibus. Desta forma a recepção dos turistas nestes locais fica a cargo, em maior parte, dos condutores de táxis. Esta categoria se faz presente também nos percursos compreendidos entre os hotéis e os centros que oferecem o turismo de negócios alicerçado pelos seus eventos.

A ligação do turismo com o transporte é evidente como a condição de que o automóvel particular passou de libertador à escravizador numa sociedade, pois costuma estar às voltas nos engarrafamentos de trânsito. Portanto, os meios de transporte alternativos à disposição dos turistas em substituição ao automóvel particular costumam ser os ônibus, os trens e os táxis.

Em Goiânia, o uso dos serviços dos taxistas se faz perceptível pelo fato de oferecer carro com motorista, livrando as pessoas de dirigirem na capital; pelo fato de não existir serviço de trens na cidade, e, pela falta de comodidade e de linhas no transporte de ônibus para os turistas de negócios. Nem o trem, nem o ônibus possuem a conveniência do automóvel, porque os trens e os ônibus operam em horários fixos; alguns destinos não são servidos por trens ou ônibus e as estações podem não ser agradáveis tampouco seguras. Ressalta-se também que o transporte turístico é um setor de trabalho ininterrupto, que emprega um grande número de pessoas, numa diversidade de ocupações, razoavelmente bem remuneradas.

Há mais de 1.200 condutores de táxis em Goiânia trabalhando dia e noite. São estes profissionais os **donos da rua** afirmado categoricamente por eles, nestes termos: “*Se eu fosse fazendeiro, Goiânia era a minha fazenda. Se eu fosse industrial, era a minha indústria, então, se sou taxista, sou o dono da rua*” (fala do senhor Israel). Eles não só transportam como batem papos descontraídos, informam, esclarecem, orientam e ajudam os passageiros locais e os turistas.

Logo, são estes importantes profissionais que devem ter uma visão diferente sobre as personalidades locais, sobre a história e também sobre si próprios, resgatando sua verdadeira identidade. E é neste propósito que se centra a educação patrimonial, concordando com Barretto (2003, p. 47) pois, “além da questão da identidade, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este à sua valorização por parte dos próprios habitantes”.



A importância deste **contato cultural** persistirá e se fortalecerá na continuidade dos próximos tópicos, seguindo com a relação turismo versus condutores de táxis pesquisados.

### **3.4 O Turismo e os condutores de táxis pesquisados**

A categoria profissional aqui apresentada é necessária dentro do segmento turístico de forma clara e sua importância merece destaque. Os pesquisados percebem o turismo na cidade e se percebem inseridos dentro do segmento. Na pesquisa de campo, foi destinado um tempo para ouvir os entrevistados sobre a importância e a existência do turismo em Goiânia. Vejamos estas falas:

*Muitas vezes, quando acontece congressos, somos nós mesmos, os taxistas, que colocamos na cabeça dos congressistas de ir passear, de sair, de conhecer algum lugar (senhor Israel).*

*O turismo está bem avançado em Goiânia, porque acontece aqui o turismo de negócios. O turista passa primeiro pela rodoviária e pelo aeroporto e eu tenho contato com essas pessoas, que são dos vários estados do país (senhor Florentino).*

*Na nossa área de taxista, o turismo é importante. As pessoas de fora perguntam o que tem aqui, e a gente sempre tem que saber indicar (senhor Valdivino).*

*Como taxista, sou importante. Sou a primeira pessoa, o primeiro goiano que o turista encontra. Então, depende de mim, passar pra ele o pouco que sei e da melhor maneira possível que daí, ele pode conhecer um pouco da nossa cultura (senhor Wellington).*

*O taxista é o cartão postal da cidade (senhor Adalberto).*

Alguns entrevistados percebem que o turismo está crescendo e se desenvolvendo no cenário local. Se pode-se ou não confiar nas suas **estatísticas** é fato questionável, mas são essas pessoas que, acredita-se, presenciam **o durante** das experiências ocorridas no processo de **distribuição** dos turistas pela cidade. São indivíduos da comunidade (primeiramente) e profissionais inseridos no segmento do turismo, cuja participação e formação afeta diretamente o turismo local.

São estes profissionais que exercem o papel de anfitriões junto às pessoas que aqui chegam, conforme pesquisa de campo e mediante o **pequeno número de guias turísticos** (somente 34 guias cadastrados no Sindicato de Guias de Turismo de Goiânia, com a grande maioria exercendo atividades paralelas), mostrando, assim, outra facilidade percebida em relação aos taxistas, pois podem ser tidos como motoristas e orientadores ao mesmo tempo. Na condição de recepcionistas do turismo de negócios e na condição de divulgadores do turismo cultural, se estes profissionais não conhecerem para saber informar, o propósito do **turismo goianiense** não será alcançado.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Metodologia do projeto de gestão (pesquisa)**

Como já especificado na Apresentação, a investigação se fez através de **pesquisa oral**, utilizando a técnica de entrevista, buscando registrar a história oral dos entrevistados.

### **4.2 Metodologia de implantação do sistema de capacitação continuada**

Para esta ação, foram propostas medidas diversas, tais como:

- negociação de parcerias governamentais e não-governamentais;
- negociação com agentes do setor de turismo;
- negociação de parcerias com a rede hoteleira;
- negociação de parcerias com o *Trade Turístico* de Goiânia;
- projeção da demanda por cursos, recrutamento e cadastro;
- organização do conteúdo dos cursos de acordo com as categorias envolvidas. Para melhores resultados, esta ação deverá acontecer de acordo com o referencial teórico e a justificativa elaborados para cada categoria específica e toda e qualquer alteração deverá adequar-se ao projeto, de forma a agregar maior valor e importância a ele;
- divisão de turmas feita de acordo com o tamanho de cada categoria. Para a primeira categoria (profissionais do transporte – os condutores de táxis), a divisão será proposta na sua metodologia específica (vide sub-tópico 6.3);
- formas de mensuração do projeto: processo educativo - resultados obtidos - impactos nos setores público, privado e sociedade.

### **4.3 Metodologia do curso de educação patrimonial**

A metodologia aqui apresentada tem por base os pilares **Abordagens** e **Foco** (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001), atualmente já utilizada nos roteiros de Projetos de Treinamento e que será totalmente ajustada à Metodologia da educação patrimonial.

Anteriormente abordada, a metodologia específica da educação patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura. Logo, a metodologia em questão terá abordagens e focos distintos dos cursos já existentes, pois tratará, além das aulas expositivas, com

dados e informações históricas e de localização, trabalhos de campo com visitas a localidades, proporcionando, assim, exercícios práticos.

Um ponto importante para o projeto em questão é a percepção de notar que, enquanto essas novas abordagens trazem grandes benefícios, também requerem habilidades muito especiais dos educadores, pois devem, por exemplo, ser capazes de selecionar os destinos mais apropriados, para exercícios de trabalho de campo, seguros de que os educandos estejam bem preparados para a atividade e devidamente equipados e informados para tirarem o melhor proveito possível das respectivas visitas, recebendo, para isso, conhecimentos prévios acerca do tema trabalhado. Nas visitas práticas, o educador deve dar informações adicionais e oferecer ajuda aos alunos, quando necessário. Esses quesitos são importantes porque vão determinar um bom ou mau entendimento (por parte dos alunos) das informações relevantes, como da sua concentração nos aspectos-chave do exercício no local de destino (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 150).

O procedimento, obviamente, requer habilidades especiais do educador, tais como:

- idéia dos objetivos gerais da visita e conhecimento específico das habilidades necessárias que devem ser desenvolvidas pelos alunos como resultado da visita;
- conhecimento prévio e familiaridade com o destino selecionado e uma idéia das questões e problemas relacionados aos locais da visita;
- uma sessão de debates após a visita, essencial para resolver importantes questões, discutir idéias e opiniões formadas pelos alunos, o que permite um fértil intercâmbio e também assegurar para que aqueles que não foram totalmente beneficiados pela experiência tenham a chance de entender o que aconteceu de errado.

Para Cooper; Shepherd; Westlake (2001, p. 152-153), na prática é muito difícil assegurar que uma visita de campo tenha pleno sucesso, uma vez que para isso torna-se necessário pré-planejamento, conhecimento especializado de todos os aspectos pertinentes ao destino e habilidade para fornecer todas as informações relevantes aos alunos.

Enfim, as abordagens devem se aproximar da questão do reconhecimento do passado e da compreensão do presente, lembrando que existem não somente os objetos históricos e artísticos, os monumentos e os centros históricos, mas também outras formas de expressão cultural, que

constituem o **patrimônio vivo**, como designado por Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 7): “artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças, as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares”, que formam e revelam os aspectos múltiplos que podem assumir e representar a cultura de um povo.

#### *4.3.1 Abordagens*

1. Estabelecer atmosfera favorável e agradável para a aprendizagem de cada aluno.
2. Estabelecer um mecanismo de consulta para o aluno, tanto de referencial teórico quanto de fatores práticos.
3. Estabelecer um programa que supra não somente as necessidades básicas de um curso de treinamento como também as necessidades dos alunos.
4. Estabelecer um mecanismo de avaliação que assegure o atendimento das necessidades dos alunos e, caso elas não estejam sendo supridas, o processo deve ser revisto. A escolha do método de avaliação deve assegurar que outros critérios também sejam garantidos, como, por exemplo, os objetivos preestabelecidos para o curso, que devem ser levados em consideração. Além do mais é sabido que processos de avaliação são respostas de qualquer prática educativa. Existe para isso, uma variedade de outros fatores que devem ser reconhecidos quando educadores estão selecionando os métodos mais apropriados de avaliação, como:
  - a) a natureza do projeto durante qualquer curso deve ser progressiva, para garantir que aquela matéria seja absorvida como um todo e o entendimento do aluno seja desenvolvido;
  - b) o método de avaliação selecionado deve garantir que o aluno desenvolva abordagem analítica e crítica do estudo e entendimento das questões envolvidas;
  - c) o método de avaliação selecionado deve ser apropriado para o nível e o tipo de curso em discussão (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 153).

Os educadores devem encarar a avaliação em seu contexto mais amplo e não devem, portanto, ter como única meta somente a avaliação do aluno. Eles devem também levar em consideração o

fato de que os alunos sejam beneficiados pela avaliação e desenvolvam outras habilidades e não apenas a de como fazer uma prova.

#### *4.3.2 Foco*

- Objetivos e metas: a instituição que irá oferecer o curso deve procurar oferecê-lo de forma pensada, organizada, voltada ao cenário de entendimento versus prática.
- Experiências de aprendizagem: experiências de contatos com fatos históricos, bens e monumentos históricos, artísticos e culturais.
- Organização: aulas teóricas e práticas.
- Avaliação: contínua, adotando instrumentos de verificação de aprendizagem - conhecimento (questões de múltipla escolha) compreensão (respostas orais), e discussões em campo, com visitas a locais.

### **4.4 Educação patrimonial – curso de capacitação continuada para profissionais do turismo - os condutores de táxis**

#### *4.4.1 Resultados pretendidos*

- Proporcionar aos alunos envolvidos - através da *Educação Patrimonial* - uma leitura do mundo que os rodeia, permitindo compreender o universo sociocultural, facilitando o sentimento de localização e de pertença, a partir do conhecimento e do contato com bens, monumentos, a história, enfim, tudo o que diz respeito ao patrimônio cultural local, como resgate de suas próprias identidades e exercício da cidadania cultural.

#### *4.4.2 Plano instrucional*

- Disciplina: Patrimônio Cultural e Turismo

- Carga horária total: 33 horas

- Aula Inaugural

Uma vez que o diferencial do curso é a educação patrimonial, seu primeiro momento se dará com uma atividade que busque atrair os alunos ao conteúdo do curso. Este momento é percebido como

uma *sedução* ao patrimônio. Para tanto, a aula inaugural, em forma de palestra, será oferecida aos condutores de táxis e aos administradores da instituição mantenedora do curso. A palestra terá como tema: “*A melhor forma de contar a história, é pensá-la*”, a ser realizada por um representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, preferencialmente autores e estudiosos do assunto (educação patrimonial). Ao término desta aula, será solicitado a cada aluno apresentar em sala de aula (encontro no dia seguinte) algum item que o faça lembrar de algo importante. Pode ser qualquer objeto: histórico de trabalho, família, lazer, esporte, fotografias antigas, alimentação, danças, etc. Enfim, algum objeto que lhe permita usar a *memória, a história, e a herança cultural*.

#### - Aulas Teóricas

Estas aulas têm como principal objetivo oferecer informações sobre a história, para que possam perceber melhor o cenário atual em que estão inseridos.

#### - Introdução

Cada aluno apresentará seu objeto e a aula terá de início as lembranças do passado, com discussões e percepções de entendimento que norteiam o porquê de se estudar o passado.

Todo e qualquer segmento ou área de estudo requer um contexto histórico. Para se entender e perceber o contexto atual da economia, do turismo, do patrimônio, do meio ambiente e outros, a história é fato concebível e de extrema importância.

Os conteúdos buscam informar aos alunos acerca de datas, dados e fatos. Mas o principal foco é resgatar a cidadania, bem como fazer com que se percebam sujeitos da história, fortalecendo suas memórias e seu espírito crítico. Mais do que oferecer datas e fatos, propõem-se a facilitar a compreensão da importância de conhecer a sua história, a sua cidade.

#### - Conteúdos

- 1) Histórico da formação do território do Brasil
  - Processos de colonização
  - Processos de expansão territorial

- 2) Histórico da formação do território de Goiás
  - A trajetória e o descobrimento do ouro
  - O Bandeirante: mito e pessoa
  - O monumento ao Bandeirante
  - O surgimento das povoações
  - A transição da economia
  - A Revolução de 1930
  - Pedro Ludovico Teixeira
- 3) Histórico da construção de Goiânia: datas, área territorial, solo, clima, topografia, planejamento, traçado urbanístico e arquitetura
  - A história cultural de Goiânia contada de 1933 a 1960; de 1960 a 1980; de 1980 aos dias de hoje
  - A história do transporte goianiense
- 4) Economia
  - Histórico
  - Fatores
  - Sustentadores
  - Região Metropolitana - objetivo e composição
  - Feriados municipais
- 5) Turismo
  - Tipos e segmentos - Turismo de Negócios x Turismo Cultural: onde, por que, quando e como acontecem; fatores positivos e negativos
  - Perfil turista x visitante
  - Previsões e estatísticas
  - Produtos e serviços componentes do produto turístico goianiense
  - Eventos
- 6) Turismo e Cultura
  - Localização e apresentação: museus, centros culturais, teatros, feiras de artesanato, bosques, parques, monumentos, hotéis fazendas e outros
  - Explanação do folclore: artesanato (feiras e acervos); trabalho das fiandeiras, tecelãs e bordadeiras; Catira; Folia dos Reis; Congada; Quadrilha e outros



- Apresentação e identificação dos restaurantes de comida típica, dos pratos regionais e outros

#### 7) Patrimônio

- Patrimônio Histórico e Cultural tombado pelo IPHAN (composto por edifícios públicos, componentes Art Déco, e traçado viário do núcleo pioneiro de Goiânia) - localização, identificação e caracterização; monumentos: localização, identificação e escultores; museus, centros culturais e teatros: localização, identificação e caracterização
- Patrimônio Natural: parques e bosques: localização e horário de funcionamento; cerrado goiano: formação vegetal e composição (matas, campos, vegetação secundária, flora, fauna e ictiofauna); os frutos como recurso alimentar e de subsistência; apresentação de empresas e setores que trabalham com os frutos do cerrado

Os tópicos 1, 2 e 3 são reservados a fatos históricos. A partir do tópico 4, o posicionamento é mais atualizado, deixando clara a importância destes profissionais na cidade, elevando sua auto-estima, valorizando-os como profissionais e seres componentes de um setor e, principalmente, de uma sociedade. O tópico 5 leva aos alunos a demonstração do real lugar do transporte e dos taxistas, novamente levantando sua auto-estima e demonstrando a valorização a eles devida. Os tópicos 6 e 7 afirmam não somente a informação e o reconhecimento, como também propõem a identificação como fruto de resgate da cidadania.

Já com o intuito de prepará-los para visitas a museus, será feito, em sala de aula, um exercício discutindo o que *eles* entendem e pensam sobre museus, qual o conceito que conseguem formar e para quê servem estes locais. Esta é também uma forma de investigar as possíveis razões do distanciamento e propor, então, estratégias de aproximação, facilitando o momento das visitas práticas.

- Carga horária aulas teóricas: aula inaugural e demais atividades totalizam 15 horas.

- Procedimentos de ensino

Aula expositiva dialogada.

Debates com total abertura às perspectivas críticas, trabalhando conceitos e idéias.

Atividades em pequenos e/ou grandes grupos.

- Recursos de ensino

Recursos escritos e audiovisuais

Quadro-giz ou painel-pincel.

Retroprojektor, data-show, tv e vídeo.

Projeção de imagens, fotos dos personagens e momentos retratados, filmes e vídeos que retratam as danças típicas e as festas religiosas.

- Avaliação

Feedback constante em sala de aula.

Avaliação com questões objetivas na prova final do curso.

Além das questões objetivas, será solicitado que os alunos elaborem um roteiro turístico para a cidade de Goiânia, este que deverá ser analisado no final do curso, após as visitas práticas.

- Aulas práticas (**uso de objetos, monumentos e o centro histórico da cidade de Goiânia**)

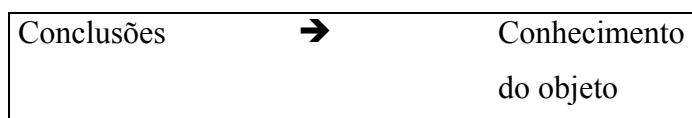
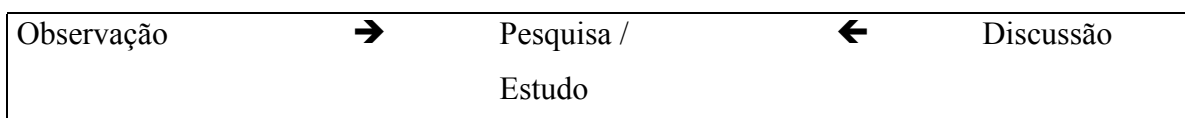
Todos os trabalhos extra classe possibilitam uma melhor compreensão da própria comunidade, por meio da história da cidade, dos bairros, do meio ambiente e dos problemas que afetam e afetarão as futuras gerações. O propósito, então, é proporcionar o conhecimento e/ou o reconhecimento, adquirindo conceitos e habilidades ao mesmo tempo em que se aprende a fazer uso desses conceitos e a colocar em prática as habilidades adquiridas, bem como abrindo também a possibilidade de criação de novos conceitos e novas habilidades. O intuito é provocar nos alunos sentimentos que nutram vontade em querer conhecer mais sobre os objetos, os monumentos e o centro histórico.

A análise de um objeto ou qualquer fenômeno cultural pode ser feita através de uma série de perguntas e reflexões:

Fazer perguntas sobre:

Aspectos Físicos	Desenho / Forma	Função / Uso	Construção / Processo	Valor / Significado
------------------	-----------------	--------------	--------------------------	------------------------

Como descobrimos isto?



Fonte: Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 10.

- Objetos

Os objetos serão apresentados com o intuito de identificação e preservação pelos alunos, afinal “nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 9). Acreditando que cada produto da criação humana - utilitário, artístico ou simbólico - é portador de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão se deve aprender a ler ou decodificar, propõe-se que isto se estabeleça em um simples objeto de uso cotidiano, uma paisagem ou até mesmo em um fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico.

Para tanto, será proporcionado, em sala de aula, o contato com tecidos (cobertas ou colchas) fruto dos serviços das fiandeiras, tecelãs e bordadeiras locais, utilizando peças soltas e sem preço de mercado, ou seja, que não estarão ali para serem comercializadas. Será um momento especial, em que os alunos poderão se perguntar como são confeccionados estes artigos manufatureiros. Também serão mostrados alguns frutos do cerrado, inseridos em recipientes de preservação, mas que serão abertos e dispostos aos alunos. Preferencialmente, serão levados para dentro de sala de aula frutos como pequi e buriti, proporcionando observação direta, manipulação, questionamento, bem como a possibilidade de sentir seu odor e sua textura. Quanto aos trabalhos das fiandeiras,

tecelãs e bordadeiras, questionamentos e observações serão feitos quanto ao tipo de material, cores, formas e texturas, que época retratam e como se relacionam com objetos da atualidade. O propósito é proporcionar habilidades de interpretação dos objetos, pois isto amplia a capacidade de compreender o mundo. Horta; Grunberg e Monteiro (1999, p. 9) lembram que, “para desenvolver este aprendizado, o conhecimento especializado não é essencial, qualquer pessoa pode fazê-lo, desde que utilize suas capacidades de observação e análise direta do objeto ou fenômeno estudado”.

Após o contato com os objetos, será solicitado aos alunos, em sala, que façam um exercício relacionando o trabalho das fiandeiras, bem como os frutos do cerrado, com a comunidade e a cidade. O propósito é facilitar a percepção destes elementos em relação aos objetos e à busca da *identidade individual e social*.

- Preparando as visitas de conhecimento e/ou reconhecimento dos monumentos

Conforme já citado no tópico *Metodologia*, é aconselhável ao educador visitar todos os monumentos com antecedência, a fim de conhecê-los, bem como o espaço envolvido, para perceber as possibilidades de exploração proporcionadas pelo tema em questão. No caso de bens tombados, é útil obter informações juntamente aos técnicos do IPHAN para auxiliar com informações e dados específicos. A este professor também é recomendável que prepare, para consultas dos alunos, algum material sobre os contextos históricos, geográficos, sociais, ambientais, econômicos, políticos e informações sobre a legislação de proteção, uso e desenvolvimento do bem ou local tombado. Em sala de aula estas explicações já devem ter sido explanadas, mas no decorrer das visitas, questões poderão ser apontadas pelos alunos.

- Monumentos e museus

- Monumentos

Para Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 16), um monumento é uma edificação ou sítio histórico de caráter exemplar por seu significado na trajetória de vida de uma sociedade e/ou de uma comunidade e por suas características peculiares de forma, estilo e função. “Existem monumentos construídos especialmente para celebrar ou lembrar algum episódio, momento ou personagem de nossa história, criados por arquitetos, escultores, artistas. Outros são remanescentes do

passado, que sobreviveram ao tempo, e que são consagrados pela sociedade como símbolos coletivos, e como referências da memória de um povo”. Suas estruturas, suas formas e usos podem revelar fatos ou lendas de uma determinada época, podendo ser também testemunhos dos modos de vida, das tecnologias, das relações passadas, das crenças e dos valores sociais dos grupos que os construíram.

É fato que alguns monumentos continuam a ter a mesma função proposta na sua origem, como algumas igrejas brasileiras, mas é fato também que alguns monumentos são transformados em museus ou até em repartições públicas. Como exemplo, na cidade de Goiânia, tem-se o edifício do Departamento Estadual de Informação, hoje Museu Zoroastro Artiaga; o edifício da Secretaria Geral, hoje Centro Cultural Marietta Telles Machado e Agência de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – Agepel. Mas os edifícios do centro histórico de Goiânia são utilizados, na maioria, para abrigar órgãos e repartições públicas.

Alguns monumentos permanecem intactos, outros são reformados para se adequarem a novos usos e outros se mantêm em forma de ruínas, como é o caso das *Missões Jesuítico-Guaranis*, localizadas no Rio Grande do Sul. Dos monumentos brasileiros, existem aqueles de significado nacional, outros regional e aqueles de significado especial apenas à comunidade local. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, através do Decreto-Lei n. 25, de novembro de 1937, protege oficialmente os edifícios e sítios que são identificados através de estudos e pesquisas, com a chamada Lei do Tombamento. “A origem deste termo é muito antiga e se refere à torre do tombo, em Portugal, onde se guardam até hoje os livros e documentos da história daquele país e muitos referentes à história do Brasil” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 16).

Na sala de aula, no momento de mencionar, localizar, identificar e apresentar os monumentos existentes em Goiânia, um exercício será solicitado aos alunos. Será pedido que *eles mesmos* elejam os *seus* monumentos. Este diferente exercício proporcionará descobertas, acerca dos monumentos já existentes e a abertura para se criar os monumentos que, para a sociedade local, podem ser mais importantes. Os monumentos sugeridos poderão ser avaliados e estudados.

A apresentação dos monumentos existentes se fará através de fotos ampliadas, projetadas em retroprojetores ou data-shows. Em referência a estes monumentos, serão explicados o porquê da criação e da existência de cada um, bem como quem foram os escultores, mais uma vez acreditando que “um monumento deve ser visto como um elemento do meio ambiente histórico e, como tal, deve ser analisado em seu contexto social e histórico ao longo do tempo” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 17).

Como roteiro de visitação serão escolhidos o Monumento ao Bandeirante, localizado no cruzamento das avenidas Goiás e Anhangüera; o Monumento às Três Raças e o Busto de Pedro Ludovico Teixeira, localizados em frente ao Palácio das Esmeraldas, na Praça Cívica. Essa escolha se explica pelo fato de estes monumentos lidarem com a história de Goiás e de Goiânia, e por todos ocuparem espaços inseridos em um ambiente histórico, mesmo acreditando que este ambiente histórico é dinâmico “e continua a mudar no presente” (id, 1999, p. 17). Este entendimento de mudança e continuidade torna-se essencial para a compreensão do patrimônio cultural, como um dos conceitos primordiais a serem trabalhados no processo da educação patrimonial.

Ao se analisar um monumento, torna-se importante que os alunos sejam levados a considerar as dimensões do meio ambiente histórico em que ele está inserido e a avaliar a influência do tempo na ação humana sobre a paisagem natural. Disciplinas como História, Geografia, Matemática, Estatística, Ciências Sociais e outras são temas que podem ser desenvolvidos no momento de percepção e contato com o monumento estudado.

Indagações que podem ser aplicadas no momento deste estudo:

## Quadro 10 – Indagações mediante monumentos

<b>Indagações</b>
Como era este lugar no passado e o que mudou?
Quão antigo é o lugar?
Quem o construiu?
Por que o construíram?
Como o construíram?
Como se relaciona com outros lugares ou construções antigas?
Onde ele está situado?
Como ele se insere na paisagem natural?
Quantas estruturas existiam? De que eram feitas? Para que serviam?
Quantas pessoas viviam ali?

Fonte: Adaptado de Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 18; 21.

Para as crianças (pelo fato de terem pouco tempo de experiência de vida), as coisas que as rodeiam parecem ser coisas distantes, mas para os adultos a chance de se reavivar a memória é fato mais aceitável, pois as lembranças podem ser reavivadas com mais facilidade e as respostas não precisam, necessariamente, serem obtidas naquele momento. O mais importante é perceber as evidências, de preferência as evidências com proximidade a conclusões críticas e exploradoras.

Os aspectos históricos, econômicos e arquitetônicos deverão ser abordados quase que instintivamente, pois as casas e as ruas também são parte do meio ambiente histórico e do patrimônio cultural em que viveram ou ainda vivem esses alunos, podendo, assim, serem utilizadas como objeto de estudo da educação patrimonial. Portanto, o propósito das abordagens teóricas e práticas é a busca da identificação dessas figuras retratadas em monumentos e do porquê da homenagem, focando a história de cada um.

### - Museus

Em sala de aula, no momento das aulas teóricas, serão mencionados os museus, os teatros e os centros culturais existentes na cidade, bem como sua localização, horários de funcionamento e outras informações pertinentes.

Em um museu, a priori deve-se definir o tema a ser abordado, ou seja, qual o propósito da visitação e o que se busca identificar. Dos museus existentes em Goiânia, dois serão utilizados como visitação em aula prática: o Museu Zoroastro Artiaga, localizado na Praça Cívica, e o Museu Pedro Ludovico Teixeira, localizado próximo à Praça Cívica (trajeto que pode ser feito a pé, devido à proximidade). O motivo dessa escolha se deve ao fato de o Museu Zoroastro abordar o cerrado (fauna e flora), as questões indígenas e o cenário histórico que liga o passado ao presente da população envolvida. Neste Museu será chamada a atenção para uma réplica de casa caipira, para posterior contraste com a casa do primeiro governador, transformada no museu Pedro Ludovico Teixeira. O exercício é proporcionar questionamentos sobre quais as diferenças entre a casa caipira com a casa do primeiro governador. O que é diferente? São cenários próximos ou muito diferentes? Vários aspectos deverão ser mencionados, inclusive aspectos arquitetônicos, históricos e econômicos, refletindo a idéia de que visitações a museus também ajudam a compor a estrutura da educação informal.

No momento das visitas, para se adequar ao processo educacional, as mesmas indagações sugeridas anteriormente no tópico sobre monumentos deverão também ser trabalhadas, não esquecendo que nesta oportunidade o essencial é fazer as questões adequadas, levantar problemas, discutir os resultados e verificar as conclusões mais apropriadas, isto é, mais sensíveis e possíveis. Após as visitas práticas, deverá haver o retorno à sala de aula, para que as respostas e idéias sejam avaliadas e pensadas.

#### - Centro histórico

Em função de o conjunto da Praça Cívica ter sido tombado como Patrimônio Histórico, este deverá ser percorrido com o propósito de identificação, pois a localização e a caracterização já terão sido explanadas durante as aulas teóricas. Os aspectos arquitetônicos, urbanísticos, sociais, econômicos e históricos deverão aqui ser abordados. O conjunto da Praça Cívica, como já foi anteriormente explicado, é composto por doze bens: o Coreto da Praça Cívica, Fontes Luminosas, o Fórum e o Tribunal de Justiça (atual Secretaria de Estado de Trabalho e Sistema Nacional de Emprego), o Museu Pedro Ludovico Teixeira, o Museu Zoroastro Artiaga, Obeliscos com luminárias, o Palácio das Esmeraldas, o edifício da antiga Delegacia Fiscal (atual Delegacia de Administração GO/TO do Ministério da Fazenda), o edifício da antiga Chefatura de Polícia (atual



Procuradoria Geral do Estado), o edifício da antiga Secretaria Geral (atual Centro Cultural Marietta Telles Machado e Agência de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – Agepel, a Torre do Relógio da Avenida Goiás, e o edifício do Tribunal Regional Eleitoral.

Observando as fachadas destes monumentos, como internamente nos museus, serão analisados os aspectos construtivos e os materiais, as áreas de entorno, os interiores, as decorações, os mobiliários, os habitantes ou usuários, as transformações ocorridas no tempo e outros elementos, não obstante a idéia de que cada um desses aspectos oferece uma infinidade de enfoques a abordar (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 10).

O propósito se justifica por acreditar que “uma caminhada pelo centro histórico é parte integral do processo de aprendizado sobre o seu significado e a sua conservação” (id, 1999, p. 28). Para isso, os alunos deverão saber por que e para que estão realizando esta visita, tendo atividades específicas para não somente ver, mas registrar suas percepções.

Sugestões de aspectos que podem ser observados pelos alunos no decorrer da visita ao centro histórico de Goiânia (Praça Cívica):

Quadro 11 – Sugestões de aspectos que podem ser observados no centro histórico

Quais os edifícios que chamam mais a atenção e por quê?
Os edifícios têm características comuns (estilo, materiais, tamanho etc.)?
Identificar os edifícios (suas janelas, portas, telhados, grades, letreiros), os obeliscos com as luminárias, o coreto, as fontes, a praça, a torre do relógio na avenida Goiás, e outros.
Identificar nos edifícios sinais de conservação ou indícios de vandalismo.
As ruas e praças estão bem cuidadas? Têm lixo?

Fonte: Adaptado de Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 28.

As etapas da Educação Patrimonial: observação, registros, exploração e apropriação serão fornecedores da capacidade criativa dos alunos que será revelada em sala de aula e revivida nos momentos em que cada um perceberá, frente a frente, cada objeto ou monumento no decorrer de sua vida cotidiana.

Será um *aprender* através dos olhos e da possibilidade de discutir a partir do patrimônio, pois os centros históricos são excelentes para estimular a estabelecer e compreender relações fundamentais entre o passado e o presente e as mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas, assim como nas próprias cidades.

Questões que podem contribuir com a discussão de temas complexos da atualidade, como política, economia, temas sociais, desenvolvimento, poluição e outros:

#### Quadro 12 – Indagações mediante centro histórico

Questões
As fachadas deveriam ser restauradas?
O que fazer com as populações pobres que habitam este lugar?
As casas e prédios velhos deveriam ser substituídos por outros mais modernos?
Vale a pena destruir um conjunto de casas ou prédios antigos para construir, por exemplo, um <i>shopping center</i> ?

Fonte: Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 26

Mediante tais indagações, que estimulam os alunos a desenvolver o espírito crítico, a formularem hipóteses e a proporem soluções, estes alunos estarão simplesmente sendo preparados para exercitar a cidadania. Razão esta, um dos motivos do projeto. O exercício da cidadania será dado tanto nas aulas teóricas quanto nas aulas práticas, durante o percurso entre a Praça Cívica e a Avenida Goiás, onde os alunos poderão desenvolver suas observações e interesses próprios, permitindo-lhes relatar suas histórias sobre o lugar, enquanto na sala de aula deverão ser promovidas discussões com abertura aos relatos da experiência vivida por cada um.

#### - Mapas mentais

No momento da pesquisa de campo, foi feita a seguinte proposta: feche os olhos e vá relatando em seqüência o que mais lhe agrada na cidade. A maioria das respostas se voltou para as ruas e praças, as grandes fábricas e indústrias, os *shopping centers*, os condomínios horizontais, enfim, o quadro pintado em suas mentes estava mais voltado para a questão do “progresso” e não de localizações e percepções históricas. Neste momento atual, o intuito é demonstrar não somente o

“patrimônio”, mas através dele buscar proporcionar aos alunos a possibilidade de identificação, de salvaguarda e de proteção ou até mesmo de posicionamento, seja crítico ou apenas de importância dada a este patrimônio.

Após a aula prática (em campo), quando os alunos retornarem à sala de aula, pedir-se-á para que desenhem um mapa o mais detalhado possível, marcando o maior número de edifícios, ruas, casas que consigam lembrar. Para facilitar, pode-se sugerir as lembranças de trajetos percorridos no dia-a-dia. Qual será o resultado? As respostas se mostrarão diferentes das apresentadas no momento da pesquisa de campo realizada? Na época da pesquisa de campo, os entrevistados ainda não detinham informações das aulas teóricas e práticas aqui sugeridas, muito menos deste momento de estar desenhando e escrevendo seus mapas mentais, pois apenas discorriam.

A partir deste exercício, muitas discussões poderão surgir, pois “o resultado permitirá reflexões a respeito do que se olha e do pouco que se registra de tudo aquilo que se vê” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 27). O surgimento de discussões se justifica no porquê de alguns prédios serem lembrados pela maioria e outros não e por que isso acontece.

#### - Exercício das fotos

Este exercício será feito através de projeção e identificação de fotos antigas, comparando-as com fotos recentes. Após a projeção dessas fotos, deve-se pedir aos alunos que façam uma lista das mudanças observadas e o que isso significou para a comunidade local, discutindo também o que proporcionou as mudanças percebidas e se foram benéficas ou maléficas. Essa é uma maneira de observar e registrar a história, pois parte do princípio da identificação da própria cidade.

- Carga horária aulas práticas: trabalho com objetos, visitas práticas e demais atividades: 18 horas.

## **5 PROGRAMAÇÃO**

### **5.1 Programação do projeto de gestão**

Etapas - capacitação e atualização.

Duração de cada etapa - provavelmente a mesma carga horária, mas requer atenção quanto ao referencial teórico e à justificativa, exemplo: setor hoteleiro - relação patrimônio cultural x público (distanciamento), teoria e justificativa, detalhando a abrangência do setor dentro do segmento e outros.

### **5.2 Programação do sistema de capacitação continuada**

O envolvimento de todas as categorias do segmento, como já mencionado, parte do engajamento de vários setores, órgãos, entidades e instituições percebendo a importância do projeto, mediante a pesquisa e a proposta, para a primeira categoria a ser capacitada e qualificada através da educação patrimonial, os profissionais do transporte (especificamente os condutores de táxis).

### **5.3 Programação do curso de educação patrimonial**

- As atividades em sala de aula acontecerão em duas etapas, antes e após as visitas práticas, no período noturno das 19:00 às 22:00 horas, com exceção do último dia, que compreenderá das 18:00 às 22:00 horas.
- A primeira semana de aula terá enfoque teórico, mas sempre aberto às críticas, idéias, apontamentos, sugestões e considerações.
- A aula de contato com os objetos será no primeiro dia da segunda semana de curso, semana dedicada aos contatos práticos.
- As visitas acontecerão no período matutino, com agendamento de horário compreendido entre 08:00 e 12:00 horas, perfazendo um total de oito horas, em dois dias de visitas. Nestes dois dias, não acontecerão aulas à noite.
- A partir das aulas práticas, uma aula será totalmente destinada ao retorno dos alunos em sala para discussões e análises, mediante as percepções de cada um, apresentando, assim, um exercício sobre o patrimônio e a sociedade envolvida, desenvolvendo o exercício dos mapas mentais e das fotos antigas *versus* recentes.

- O último dia de aula será destinado à avaliação dos alunos (prova escrita) e aos questionários de avaliação do curso, a serem respondidos pelos alunos.

Observação: O planejamento das aulas é constante e futuras alterações podem ocorrer. Daí a necessidade de a equipe estar aberta a estas necessidades, propondo aos professores a interação destes com a coordenação, para perceberem melhor a demanda de alterações para efetivas melhorias na qualidade do ensino.

Uma proposta a ser estudada e melhor planejada é a de as aulas práticas acontecerem no primeiro momento, ou seja, antes das aulas teóricas, pois assim pensa-se que os alunos poderão apresentar os museus aos turistas durante o decorrer do próprio curso. E, para essa mesma proposta, pode-se levar os alunos aos museus (visita guiada) e, no final do curso, levá-los novamente, já como produto de avaliação dos alunos e do curso, solicitando aos alunos que ofereçam a visita guiada, ou seja, os alunos no papel de demonstradores dos museus.

## 5.4 Calendário das atividades

Quadro 13 – Calendário das atividades

<b>Educação patrimonial - Curso de capacitação contínua para as categorias envolvidas no segmento turístico goianiense, em específico os condutores de táxis</b>			
<b>Disciplina - Patrimônio Cultural e Turismo - Carga horária: 33 horas.</b>			
<b>Primeira semana</b>	<b>Horário</b>	<b>Local</b>	<b>Tema</b>
1º dia	19:00/22:00 h.	Instituição	Aula inaugural com o tema: “A melhor forma de contar a história, é pensá-la”.
2º ao 5º dia	19:00/22:00 h.	Instituição	Aulas teóricas
<b>Segunda Semana</b>	<b>Horário</b>	<b>Local</b>	<b>Tema</b>
1º dia	19:00/22:00 h.	Instituição	Aula prática com objetos
2º dia	08:00/12:00 h.	Avenida Goiás e Praça Cívica	Visitas práticas – Monumentos (ao Bandeirante, às Três Raças e Busto Pedro Ludovico Teixeira) e Museus (Zoroastro Artiaga e Pedro Ludovico Teixeira).
3º dia	08:00/12:00 h.	Praça Cívica	Centro histórico
4º dia	19:00/22:00 h.	Instituição	Mapas mentais e Exercício das fotos
5º dia	18:00/22:00 h.	Instituição	Avaliações dos alunos e do curso oferecido

## **6 ORÇAMENTO - RECURSOS E CUSTOS**

### **6.1 Recursos - curso de educação patrimonial**

Para os recursos escritos e audiovisuais:

- Presença física de um representante do IPHAN (passagens aéreas, diárias de hotel e pró-labore).
- Quadro-giz ou painel-pincel, retroprojetor, data-show, tv-vídeo, fotos ampliadas, imagens e filmes VHS.
- Apostilas.
- Canetas e blocos para anotações.
- Aquisição de frutos do cerrado e respectivos recipientes.
- Aquisição de colchas ou cobertas dos trabalhos das fiandeiras.

Visitas práticas (campo):

- Locação de van, microônibus ou ônibus.

### **6.2 Material de divulgação**

*6.2.1 Divulgação do sistema de capacitação continuada e do curso de educação patrimonial – material didático*

Livro-texto do curso de Educação Patrimonial - entregue a todos os parceiros e interessados. Este compreenderá os objetivos, as sínteses sobre Patrimônio e Educação Patrimonial e o programa do curso.

*6.2.2 Divulgação do Patrimônio*

Criação de *slogan* a ser desenvolvido em forma de adesivo com os dizeres: *Contribuo para a preservação do Patrimônio Cultural de Goiânia*, como sugestão a serem afixados nas traseiras dos veículos usados pelos alunos-profissionais no desenvolvimento de seus trabalhos.

### **6.3 Custos - curso de educação patrimonial**

São mais de 1.200 os condutores de táxis da cidade de Goiânia. Portanto, as turmas devem ser divididas em 25 alunos cada. Os custos a seguir descritos foram previstos obedecendo a este

número de alunos por turma, bem como os recursos previamente disponíveis para a realização do curso.

Quadro 14 - Tabela de custos do curso de educação patrimonial

<b>Material Didático, divulgação e visitas a campo</b>	<b>Especificações</b>	<b>Valor Total R\$</b>
Palestrante do Iphan		
1. passagens aéreas Goiânia/Rio/Goiânia (os trechos podem oscilar)		1.098,00
2. diária de hotel (Kananxué Park Hotel – categoria 03 estrelas)	01 Diária	64,80
3. pró-labore (cachê – 03 horas)		500,00
<b>Sub-total</b>	<b>Aula Inaugural</b>	<b>1.662,80</b>
4. quadro-giz ou painel-pincel	Previamente disponível na Instituição	-
5. giz	01 caixa c/ 245 gramas	1,40
6. retroprojeter	Previamente disponível na Instituição	-
7. data-show	Previamente disponível na Instituição	-
8. tv-vídeo	Previamente disponível na Instituição	-
9. fotos ampliadas – transparências coloridas	08 transparências	40,00
10. fita VHS	01 unidade	6,10
11. apostilas com 50 páginas	25 unidades	137,50
12. canetas personalizadas cor azul	25 unidades	12,25
13. blocos para anotações (tamanho A4; 05 folhas)	25 unidades	23,75
<b>Sub-total</b>	<b>Aulas Teóricas</b>	<b>221,00</b>
<b>Nota<sup>1</sup>: os itens 09 e 10 são reaproveitáveis nas turmas subsequentes</b>		
14. frutos do cerrado	Doados pela empresa Milca Sorvetes	-
15. recipientes em vidro transparente	02 unidades	16,00
16. colchas ou cobertas - trabalhos das fiandeiras (*)	01 unidade	90,00
17. locação		
van (14 lugares)	02 dias (08 horas) – R\$ 300,00	
microônibus (23 lugares)	02 dias (08 horas) – R\$ 500,00	
ônibus (44 lugares)	02 dias (08 horas)	800,00
18. livro-texto do curso (15x20; 115 gr; papel couchê; 4/4 cores; 16 págs)	25 unidades	35,00



19. trabalho artístico do livro-texto (fotos e caracteres) (**)	25 unidades	1.200,00
20. adesivos para automóveis (10 x 40)	25 unidades	12,50
<b>Sub-total</b> <b>Nota<sup>2</sup>: Os itens 15 e 16 são reaproveitáveis nas turmas subsequentes</b> <b>Nota<sup>3</sup>: Algumas Instituições, dentre elas, o Senat, possui ônibus próprio, podendo deixar de existir assim, o item 17.</b> <b>(* Este item pode ser doado pela Associação de Artesãos, ou diretamente por alguma fiandeira/tecelã</b> <b>(**) Este item para algumas instituições pode não existir bastando para isso deter de software e profissional capacitado.</b>	<b>Aulas Práticas</b>	<b>2.153,50</b>
<b>Total Geral</b>	.....	<b>4.037,30</b>

## 7 AVALIAÇÃO E CONTROLE

### **7.1 Avaliação e controle do projeto de gestão**

- As instituições, como responsáveis pelo gerenciamento das atividades a serem implantadas, bem como do destino dos eventuais valores, aquisições e doações ao projeto em questão.
- As instituições e os parceiros fazendo parte de um cadastro geral público e divulgado (preferencialmente pelo IPHAN) sobre Educação Patrimonial, de instituições e empresas que zelam pelo Patrimônio Cultural.

### **7.2 Avaliação e controle do sistema de capacitação continuada**

- As instituições e os parceiros, como responsáveis pela elaboração dos termos de citação (referência), que são instrumentos de orientações para todas as instituições integrantes do sistema, para o público, os empreendedores, os órgãos públicos e outros.
- O Sistema de Capacitação Continuada se perpetrando com Cursos de Atualização (informações atualizadas que dizem respeito ao Patrimônio Cultural local, aos tipos de turismo na cidade, às novas opções de museus, teatros, centros culturais, restaurantes de comida típica, feiras de artesanato, eventos culturais, novos cursos no setor e, outros).

### **7.3 Avaliação e controle do curso de educação patrimonial**

- Questionários aplicados no final do curso (último dia de aula), para avaliação do curso pelos próprios alunos.
- Estabelecimento de uma amostra de alunos e realização das mesmas perguntas realizadas na pesquisa de campo, para mensurar os resultados obtidos acerca da idéia de conscientização sobre o Patrimônio Cultural.

### **7.4 Instituições envolvidas no projeto de gestão**

- SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SENAI – Serviço Nacional da Indústria
- SENAC – Serviço Nacional do Comércio
- Universidade Católica de Goiás – UCG

- Centro Cultural Jesco Puttkamer da UCG
- Secretaria Municipal de Turismo – Prefeitura Municipal de Goiânia
- Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia
- Agência de Turismo – Agetur
- Trade Turístico do Estado de Goiás
- Goiânia Convention & Visitors Bureau
- Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira - Agepel
- Museu Zoroastro Artiaga
- Museu Pedro Ludovico Teixeira
- Organização das Fiandeiras e Tecelãs
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
- Universidades (cursos de turismo)

#### **7.5 Empresas privadas envolvidas no projeto de gestão**

- Restaurantes de comida típica regional
- Milca Sorvetes
- Televisão Anhanguera (Programa Frutos da Terra)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 30-45.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. Turismo e Antropologia no Brasil: Estudo Preliminar. In: BARRETTO, Margarita; BANDUCCI JUNIOR, Álvaro (orgs.) **Turismo e Identidade Local**: uma visão antropológica. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003. p. 21-47. (Coleção Turismo, 2)

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; BARRETTO, Margarita. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs.) **Turismo e Identidade Local**: uma visão antropológica. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003. p. 07-20. (Coleção Turismo, 2)

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. 4. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo, 4)

BEZERRA DE ALMEIDA, Márcia. **O Australopiteco Corcunda: as crianças e a Arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na escola**. 2002. Tese (Doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, São Paulo, USP, 2003.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp Zouk, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos)

CHAUL, Nasr Fayad. Goianália. In: **Os caramujos contemporâneos da modernidade**. Goiânia: UFG, 1998. p. 29-33.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. **Educando os Educadores em Turismo**: manual de educação em turismo e hospitalidade. São Paulo: Roca, 2001. (Coleção de Treinamento e Educação em Turismo da Organização Mundial de Turismo)

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; e CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Coleção Educação e Comunicação, 1)

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura)

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMIDE, Cristina Helou. **História da Transferência da Capital de Goiás para Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-29.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Portaria 507/03; Ofício 466/02. Brasília: 2003.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **História Cultural de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2003. (Coleção histórias de Goiás, 3)

REZENDE, Larissa Rocha. **A Realidade dos Atrativos Turísticos de Goiânia e Suas Repercussões na Comunidade Local**. Relatório final de Estágio (Graduação em Administração em Turismo), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável**: turismo cultural, ecoturismo e ética. São Paulo: Aleph, 2000. (Série Turismo, 5)

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

**ANEXOS**

## ANEXO A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

### ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS DO TRANSPORTE DA CIDADE DE GOIÂNIA

Faixa Etária	Sexo	Categoria	Naturalidade	Residência
Adultos	Masculino	Taxistas		
De a anos	Feminino			

#### IDENTIFICAÇÃO

##### Dados Pessoais

Naturalidade

Reside em Goiânia ( ) Sim ( ) Não Onde?

Há quanto tempo?

Profissão Atuação

Escolaridade

Algum Curso Profissionalizante na área de ( ) Turismo ( ) Administração ( ) Transporte

( ) Outro

Estado civil Filhos

#### ENTREVISTA:

- 1) Como você vê ou avalia o setor de Turismo, e na sua opinião: é um setor importante dentro da economia goiana?
- 2) Qual a lembrança mais antiga que você tem da cidade? Secundárias: O que mudou? O que foi destruído? O que poderia ser preservado? Essas coisas têm a ver com você? Porque?
- 3) O que você faz nos finais de semana, nos momentos de descanso e lazer? Secundárias: Onde estão os museus, centros culturais e teatros da cidade? Você os conhece? Que opinião você tem destes lugares?
- 4) Você conhece a história de Goiânia? Secundárias: Quem foi o “Bandeirante”? Você se identifica com Goiânia? Feche os olhos e vá me contando em seqüência, o que mais lhe agrada na cidade. Explique o sentimento que você tem em relação à cidade. Você sente que ela lhe pertence? O que acha do comercial veiculado na televisão “Viver aqui é bom demais da conta” criado pela Prefeitura?
- 5) Se um parente ou conhecido seu vier lhe visitar, quais lugares você o levaria para conhecer? Se um hóspede ou turista pedir para conhecer Goiânia, aonde o levaria? Secundárias: Você considera como importante, a gastronomia local? Conte-me a respeito dos frutos do cerrado. São importantes? Porque?
- 6) Quando se fala em “Cultura”, o que vem à sua mente? O que você pensa sobre a nossa cultura.

## **ANEXO B – DADOS DOS ENTREVISTADOS**

Sr. **Adalberto**. Natural de Itabuna-BA. Em Goiânia há 39 anos. Taxista há 25 anos. Curso primário. Solteiro, 02 filhos. Local da entrevista: Hotel La Residence.

Sr. **Cabral**. Natural de Caturai-GO. Em Goiânia há 40 anos. Taxista há 20 anos. 2º. Grau. Casado, 03 filhos. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Cássio**. Natural de Alpinópolis-MG. Em Goiânia há 04 anos. Taxista há 02 anos. 2º. Grau. Casado, 03 filhas. Local da entrevista: Aeroporto.

Sr. **Dito**. Natural de Trindade-GO. Em Goiânia há mais de 60 anos. Taxista há 22 anos. 2º. Grau. Casado, 05 filhos. Local da entrevista: Castros Hotel.

Sr. **Edilson**. Natural de Categipe-BA. Em Goiânia há 22 anos. Taxista há 02 meses. 1º. Grau. Casado, 02 filhas. Local da entrevista: Shopping Flamboyant.

Sr. **Edimísio**. Natural de Carnaúba dos Dantas-RN. Em Goiânia há 15 anos. Taxista há 02 anos. 1º. Grau. Solteiro, 01 filha. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Eduardo**. Natural de Sorocaba-SP. Em Goiânia há 21 anos. Taxista há 09 anos. 2º. Grau. Casado, 03 filhos. Local da entrevista: Shopping Flamboyant.

Sr. **Florentino**. Natural de Cocos da Bahia-BA. Em Goiânia há 26 anos. Taxista há 12 anos. 1º. Grau. Casado, 02 filhos. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Geraldo**. Natural de Santo Antônio do Monte-MG. Em Goiânia há 60 anos. Taxista há 23 anos. Curso primário. Casado, 04 filhos. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Israel**. Natural de Inhumas-GO. Em Goiânia, há 44 anos. Taxista há 16 anos. 2º. Grau. Casado, 02 filhas. Local da entrevista: Castros Hotel.



Sr. **Issamu**. Natural de Nerópolis-GO. Em Goiânia há 43 anos. Taxista há 36 anos. 2º. Grau. Casado, 03 filhos. Local da entrevista: Aeroporto.

Sr. **Leomar** (Ratinho). Natural de Iporá-GO. Em Goiânia há 45 anos. Taxista há 30 anos. 2º. Grau. Casado, 02 filhos. Local da entrevista: Castros Hotel.

Sr. **Márcio**. Natural de Goiânia-GO. 26 anos. Taxista há 06 anos. 2º. Grau. Solteiro, 03 filhos. Local da entrevista: Castros Hotel.

Sr. **Paulo**. Natural de Alto Araguaia-MT. Em Goiânia há 34 anos. Taxista há 07 meses. 2º. Grau. Solteiro, sem filhos. Local da entrevista: Castros Hotel.

Sr. **Rubens**. Natural de Piancó-PB. Em Goiânia há 20 anos. Taxista há 06 anos. Curso primário. Casado. Local da entrevista: Castros Hotel.

Sr. **Valdeci**. Natural de Morrinhos-GO. Há 40 anos em Goiânia. Taxista há 25 anos. Curso primário. Casado, 05 filhos. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Valdivino**. Natural de Jaraguá-GO. Em Goiânia há 23 anos. Taxista há 23 anos. 2º. Grau. Casado, 03 filhos. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Wellington**. Natural de Ipameri-GO. Em Goiânia há 40 anos. Taxista há 05 anos. 1º. Grau. Casado, 02 filhas. Local da entrevista: Estação Rodoviária.

Sr. **Wilson**. Natural de Teresina-PI. Em Goiânia há 07 anos. Taxista há 22 anos. 1º. Grau incompleto. Separado, 03 filhos. Local da entrevista: Hotel Confort.